

A IMPORTÂNCIA DE OLÓDÙMARÈ

Ele pode ser visto como a base estrutural do Universo. O centro nervoso, ondas eletromagnéticas do buraco negro. Partículas que deram origem à Terra e a todas as formas de vida.

Entretanto, encontramos dificuldades para explicar a essência de *Olódùmarè*, que está intrinsecamente acooplado à fragmentação e expansão do princípio cosmológico*. E isso só nos permite ter idéias aproximadas, não exatas, do que seja Deus. Desta forma, passamos por um processo experimental de laboratório existencial.

Quiçá um dia nos encontremos dentro dos parâmetros previstos por *Olódùmarè*, cuja onipresença está guardada em segredo numa simples partícula de átomo — barreira da existência onde nos tornamos inertes à estrutura global do Universo em que não se enquadram as idéias comuns.

* Nota do Editor: Interessante observar que tal princípio de expansão — do qual *Èṣù* é o agente — coincide com a teoria do Big Bang, a mais provável para a origem do universo, e que acaba de ser atestada pelo astrofísico americano George Smoot.

Assim, a causa-origem de todas as causas continua sendo um grande mistério para o homem que, de todas as formas (com muitas filosofias, crenças e credences), tenta explicar o inexplicável. E de *Olódùmarè* só é possível explicar o efeito, porque a causa, mesmo quando enquadrada numa visão espiritualista, acaba por esbarrar em um grande porquê, a partir do momento de conceber-se as idéias de tempo e espaço.

Se a vida surgiu a partir de uma transmutação fragmentada de *Olódùmarè*, podemos traduzi-lo da seguinte forma: Dizer — Fazer — Organizar — lançar energia capaz de movimentar-se no espaço vazio e fazer-se onipotente, onipresente e onisciente em relação ao Universo que Ele próprio criou. E a alma da existência passa a ser sombra e o espírito da vida, vento.

Desta forma, o homem continua, como sempre, à mercê do próprio destino, sem muita consciência de si. Ele, então, tem que retroceder ao seu passado, em busca de sua origem — sopro eterno de vida. E entre as vidas eternas estão os *òrìṣà*, porção de *Olódùmarè* feito homem. Estes foram os primeiros seres criados, com a junção de:

ÁGUA + TERRA = BARRO
BARRO + SOPRO DIVINO = MOVIMENTO
MOVIMENTO + ESTRUTURA = HOMEM
HOMEM + CONSCIÊNCIA = *ÒRÌṢÀ*.

Assim sendo, o homem comum é resultado dessa junção, e dentro dele existem inúmeros pontos a serem tocados para que se transforme continuamente. O processo é lento, porém exato. Para compreender esta colocação é bastante simples: basta olhar o tronco de uma árvore e ver que a natureza se perde em seus ramos, transformando-a em fonte de vida. Entretanto, isto só é possível porque as substâncias de seu porte são sugadas da terra através da raiz.

E nós precisamos fazer isso: entrar em nosso campo magnético em busca da verdade e de nossa origem, bus-

car o tronco com direcionamento para a raiz, para que a ramagem não se perca no nada. . . E a raiz é o nosso *òrìṣà* (antepassado divino), que faz parte da estrutura terrestre e da consciência de *Olódùmarè*. Assim, a importância de *Olódùmarè* é igual à importância que o homem dá para o seu *òrìṣà* — *orí* (cabeça) / *ṣà* (protetor) — ou seja, protetor da cabeça.

O CULTO DE ÒRÌŞÀ

O culto de *òrìşà* está intimamente relacionado com os cuidados que cada um deve ter com a própria cabeça, que é um guia certo, ou incerto, do nosso destino.

O homem tem a tendência natural de olhar para fora, sempre buscando soluções nas periferias do seu *EU* e esquecendo-se quase que completamente de se voltar para dentro de si mesmo onde, sem dúvida, encontrará respostas adequadas às suas perguntas mais intrigantes.

A cabeça pode ser entendida como o micro do macrocosmo no homem. Por ser *Orí* a cabeça física, esta é, portanto, símbolo da cabeça interior chamada *Orí Inú*, que constitui a essência do ser e controla totalmente a personalidade do indivíduo, guiando-o e ajudando-o desde antes do nascimento, durante a vida e após a morte. Esta é, então, a centelha divina no humano.

A cabeça (*Orí*) é a primeira a receber a luz e a receber de Deus (*Olódùmarè*) o destino, na ocasião do nascimento.

Um dos nomes de Deus é *Oríşe* — fonte da qual originam-se os seres — e, originalmente, todo *Orí* é bom, porém, sujeito a mudanças, pois a sua própria conduta pode transformá-lo negativamente e iniciar-se, assim,

uma série de acontecimentos intermináveis de infelicidades na vida de um homem, a despeito de seus esforços para tentar melhorar.

Em casos assim, o *Orí* precisa, então, de cuidados especiais. É cultuado como uma divindade "parcialmente" independente e recebe oferendas e orações no ato litúrgico conhecido por *Ẹbọrí*. Desta forma, os adeptos do culto de *òrìṣà* dizem:

Orí mo pè ọ o!
Cabeça, eu te chamo!
Orí rẹ mo kí o!
Cabeça, eu te saúdo!

O Destino do Homem

É preciso compreender que a base do sustento humano é o seu futuro. Onde agora apóia os seus pés, será sua morada eterna. Mais tarde, juntar-se-lhe-á a força estrutural da composição terrestre. Quem hoje é descendente, amanhã será ancestral, e certamente sentir-se-á feliz no espaço-além, por ser lembrado pelos seus descendentes que, não se esquecendo de seus antepassados, procuram, através do culto, melhorar ou, até mesmo, erradicar problemas de origem genética.

Desta forma, o indivíduo que é consciente de si, sabe o *Odù* (destino) que rege a sua ancestralidade e se este tem sido bom para o desenvolvimento material e espiritual da família. Se não tem sido bom, ele então modifica o seu destino familiar. Esta é uma das finalidades do culto aos *Òrìṣà*.

Para exemplificar, digamos que o *Odù* que rege uma determinada família seja: *Ẹtaògúndá*. Baseado neste código, podemos dizer que esta família é de guerreiros, de homens fortes e valentes. Mas, que tipo de guerreiros? Aqueles que sempre vencem as batalhas? Ou, simplesmente, arrumam confusões, gerando problemas para todos? Se é isto o que ocorre, a providência a ser

tomada é despachar o lado negativo de *Ẹtaògúndá*, que está prejudicando, por exemplo, *Ọtun àiyé* (o lado direito, ancestralidade masculina).

O mesmo pode estar ocorrendo com *Ọsì àiyé* (o lado esquerdo, ancestralidade feminina).

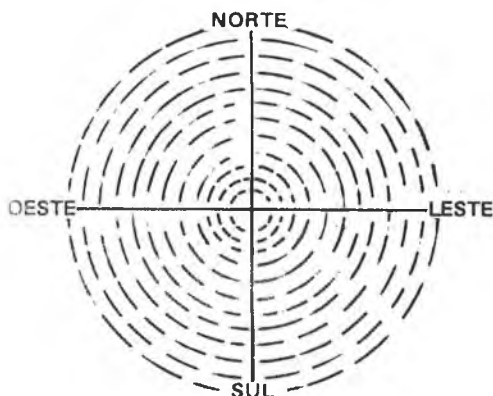
Sabendo de sua origem, o homem conhece a si mesmo. Pode olhar para o *Íyọ Ọrùn* (origem espiritual), bem como para o *Íwọ-Ọrùn* (futuro) com dignidade. Despertar *Oşùu* (consciência do inconsciente, que é o divino no homem, manifestação de Deus). E Deus não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. É o simples despertar da consciência plena do homem. E o "adversário" é simplesmente aquele que ofusca a consciência para que, nos tropeços da visão mental, o homem se encontre com a luz. Assim sendo, a escuridão é claridade absoluta.

Desperte! Olhe para dentro de si e chame por *Orí*. Verá, assim, o despertar de um Deus forte, capaz de iluminar a sua mente ofuscada pelos preconceitos dos homens.

Veja-se dentro de sua originalidade:



Não podemos esquecer que a Terra é quem conta o tempo — e se conta o tempo, ela sabe de tudo —, e quem sabe de tudo, merece respeito. Além de contar o tempo, gera o espaço que se divide em quatro, e o homem tem os quatro pontos cardeais expressos em si mesmo. Está relacionado ao corpo ("eu" físico), representado pela mente em atividade, criando, simbolizando a inteligência, a ordem, a justiça e o amor em seus aspectos positivos.



Pise no chão com respeito, e ganhe favores do lugar onde vive e do espaço gerado em torno de si.

Deus é isso: é a Natureza em toda a sua plenitude. É o equilíbrio estrutural, emocional e social. O homem não estando envolvido com a Natureza perde a sua "identificação emocional inconsciente" com os próprios fenômenos naturais.

Se ame, se goste, se respeite. Isso é bom! E o resultado do que é bom é sempre satisfatório para muitos. A vida é isso, sem cortes, sem pontas, sem fim e sem começo, sem fobias, sem torturas mentais que levam sempre o indivíduo a uma destruturação emocional.

A manifestação de Deus é visível no homem de bom caráter, e bom caráter inclui verdade, sinceridade, honestidade e serenidade.

O homem não precisa julgar-se superior a todos os outros e levantar a cabeça acima do normal, dando-nos a percepção clara de sua atrofia mental. Também não precisa curvar-se demais, deixando claro a sua timidez e complexo de inferioridade. Seja normal. Seja divino! . . .

Se você é *bàbálòrìṣà* (zelador), conscientize-se de sua real condição dentro do culto, não utilizando seus conhecimentos para explorar a falta de experiência dos iniciados.

Se você é *ìyàwó*, ou iniciado de qualquer outro grau dentro da hierarquia existente no Candomblé, lembre-se que o conhecimento dos mais graduados nem sempre constitui sabedoria, portanto, estes não podem utilizar o que sabem para diminuir-lo como pessoa. O simples conhecer pode ser uma arma contra aqueles que não têm pleno domínio do conhecimento.

Sempre que possível faça lembrar aos mais velhos do culto que *ìyàwó* também é responsável pela continuidade da tradição religiosa. E isso só pode ser realidade quando o iniciado não somente sabe como se faz um ritual, mas também qual a sua finalidade e a que se referem seus atos.

Não se conforme jamais com respostas, tais como: "é segredo reservado aos mais velhos". Se um *bàbálòrìṣà* age desta forma, ou ele não sabe o que está fazendo, ou então pensa que a sua cabeça é "lixo". Por acaso, pensa ele que a força dos *òrìṣà* vai eternizá-lo sobre a Terra? E que por isso não tem necessidade de transmitir o conhecimento para aqueles que o acompanham? De qualquer forma, este é um tipo de pessoa que não serve para ser o seu *Aláṣe*.

ìyàwó, se cuide! Se goste! Se respeite! "Quem sabe, morre igual àquele que não sabe", e pelo avesso todos somos iguais. Respeito não inclui necessariamente humilhação. Reconheça o seu lugar e posicione-se da melhor maneira possível. Seja digno do *òrìṣà* ao qual pertence. Deixe seu *orí* brilhar de tal forma que a luz refletida seja como um espelho, onde muitos possam se mirar na fidelidade da sua personalidade.

O Candomblé, hoje, é sem dúvida uma religião com muita freqüência e pouca permanência, e isso se deve à existência de "sacerdotes" inescrupulosos, do tipo que raspa, pinta, catula, adoxa e assenta sem saber o quê. Eu não me cansarei de dizer que a cabeça dos outros não é laboratório de pesquisas. "Fazer" Santo é despertar o adormecido no mais profundo do inconsciente humano, e isso é arte ritualística de manipulação da própria vida, o que, com certeza, não está ao alcance de muita gente.

Assim é que o *iyáwo*, ou até pessoas com títulos de *égbónmí*, *Ogan*, etc., saem de suas casas de origem em busca de um outro Pai-de-Santo que o adote. Este, por sua vez, sedento por um "axezinho" (dinheiro), e motivado pelo orgulho de ter sob seu *àṣe* um filho de outro *bàbálòrìṣà*, tenta corrigir "erros". Tanto uns como outros, indulgentes, apressados e súbitos, quebram em pedacinhos o que não pode ser reajuntado — a mente humana! Isto é apenas um exemplo do que acontece em decorrer da do sacerdócio apressado.

Por isto, antes de "fazer" Santo escolha, e muito bem, o seu *Aláṣe*. Muitos dizem que o *Òrìṣà* é quem escolhe o *bàbálòrìṣà*. Puro engano, porque o livre arbítrio é, nada mais, nada menos, que o poder absoluto de decisão. E o futuro do homem depende dele decidir o que ele quer hoje, agora. Cuide do seu presente e preserve o seu futuro, em bom estado de equilíbrio. É preferível não ter Santo "feito", do que ter santo "mal feito". E isso pode ser observado, analisado sem muita dificuldade, na própria estrutura sócio-econômica e cultural de boa parte dos adeptos do culto que se julgam com um grande "poder", porém, desprovidos da base estrutural do conhecimento ritual, através da qual é possível atingir a essência, a espiritualidade, ligar o homem aos *òrìṣà* e estes à fonte de vida, tornando-o um veículo de comunicação social, facilitando muito os seus passos sobre a Terra. Havendo comunicação entre os homens, haverá comunicação entre os *òrìṣà*, e conseqüentemente com *Olódùmarè*, que é a fonte de todas as fontes de vida, o consciente e inconsciente do ser.

Isto é possível quando se acorda e se diz:

Orí mi o!

Orí mo pè o o!

Sim, chame, convide sua cabeça a participar do seu dia-a-dia. *Orí* é uma divindade com poderes ilimitados, enquanto que os *òrìṣà* não atuam em todos os campos de ação. Além do mais, o poder do *òrìṣà* é igual ao desenvolvimento do *Orí*, a depender da clareza de concepção do indivíduo em relação a uma determinada divindade (*òrìṣà*).

Aqueles que lhe conhecem a origem, hierarquia, gosto e costume, evocações e ritos, conseguem com facilidade atingir a essência do *òrìṣà*. Isto é resultado da concepção limpa. Do saber fazer, sabendo o porquê, o que também é resultante da firmeza do *Orí Inú* – que já despertou a consciência do *EU*.

Assim é que se cultuam os *òrìṣà* acreditando na cabeça e na direção dada à ritualidade.

O conceito que os *yorùbá* têm a respeito dos *òrìṣà* é que todos nós viemos ao mundo para aproveitar devidamente o nosso tempo. E as pessoas que estão envolvidas no culto, no decurso deste tempo, devem aproveitá-lo no aprimoramento das coisas relativas ao estudo e compreensão da ritualidade, de modo a aprender “tudo” sobre os *òrìṣà*, alcançando o respeito, em decorrência do bom senso e de sua força no desenvolvimento dos rituais em que atua.

É sabido por todos que a melhor maneira de se aprender a executar os atos litúrgicos é, sem dúvida, em sua Casa-de-Santo de origem, onde cada iniciado pode participar, questionar seu *Aláàṣẹ* e obter respostas amplas em relação ao que ocorre em dado momento. Assim, vai-se aprendendo, enquanto esclarecem-se as dúvidas. Este é o ambiente adequado a um aprendizado seguro, onde a prática da magia pode provar sua eficácia, em termos de resultados finais. O iniciado pode certificar-se, dia após dia, da potencialidade do culto.

Mas, a verdade é que a transmissão oral deixou e tem deixado lacunas a serem preenchidas. Em decorrência disso, muitos têm se dedicado a escrever livros e mais livros sobre as nossas tradições. Alguns dignos de elogios e outros de péssima qualidade, tanto gráfica, quanto literária e, por que não dizer mesmo, desmoralizadores do culto. De qualquer forma, a preocupação de todos tem sido a de escriturar as diversas formas de culto aos *òrișà*, considerando que, por mais tempo de convivência e participação nos ritos afro, não se pode dizer que este ou aquele adepto tenha se tornado um conhecedor profundo de "todas" as práticas.

Apesar da liturgia seguir uma linha *x*, em termos de execução, cada *bàbálóòrișà* tem os seus "segredos" guardados debaixo de suas próprias unhas, e ao escrever sobre o tema revela um pouco de seus conhecimentos, do seu *àșe*. Assim, nasce a necessidade de buscar na literatura candomblecista um pouco mais de *Saber*, frisando que conhecimento não é sabedoria, pois esta só se alcança com a vivência. E pensar que alguns "Zeladores" proibem os seus filhos-de-santo de lerem. . . Será porque sabem demais, ou de menos?

Outro fator importante é que o Candomblé brasileiro tem suas origens em vários pontos da África. Os povos que nos transmitiram o culto fizeram-no de forma idêntica à de suas origens. Porém, 400 anos depois, por mais que nos esforcemos, não conseguiremos realizar o culto como era feito em sua origem. Nossa religião é outra? Não! Tomou forma diferente, foi adaptada a novos costumes.

As mulheres africanas, feitas de *òrișà*, por exemplo, são vestidas somente da cintura para baixo. A visão que se tem disso é como se fosse uma banana descascada até a metade, revelando o seu interior. O significado é que a parte em descoberto é sagrada (é Santo), e não pode ser tocada pelo homem, que passa a se interessar pela parte coberta, onde existe mais um mistério a ser desvendado. Isso no Brasil seria um absurdo.

Os povos que transmitiram melhor a visão que ti-

nhem sobre o mundo, a vida, e Deus, foram os *yorùbá* (nagô), os *jejes* (Ewe-Fón) e os *congo-angolanos* (bantus). Estes conseguiram sobreviver às pressões, tanto raciais, quanto culturais. Plantaram para sempre o culto de *òrì-ṣà*, *Inkíce*, *Vodun*, etc. em terras brasileiras, ainda que mal, devido à perseguição policial e às pressões da religião predominante.

O Candomblé, em seu caráter universal, tem muito mais que manifestação ritualística. Inclui sabedoria, crença, arte, moral, leis e costumes. Isto está presente no pensamento de toda comunidade, de forma implícita e explícita, objetivando compreender a humanidade e a vida, de modo a integrar o indivíduo ao Cosmo.

O culto de *òrìṣà* é conhecido como uma das mais antigas religiões do mundo, na história da civilização do homem, e seu objetivo principal é alcançar o entendimento com o Todo, abrindo caminhos de paz, harmonia, moral e fé para a humanidade.

Embora não existam leis escritas que determinem como proceder ritualisticamente, elas fazem parte do saber oral, passado de geração a geração, tornando-as incontestáveis no seio comunitário candomblesta, exatamente por estas leis serem a mola mestra que desenvolve a união de todos os elementos.

O culto é estruturado em:

Olódùmarè – Senhor supremo do destino – DEUS.

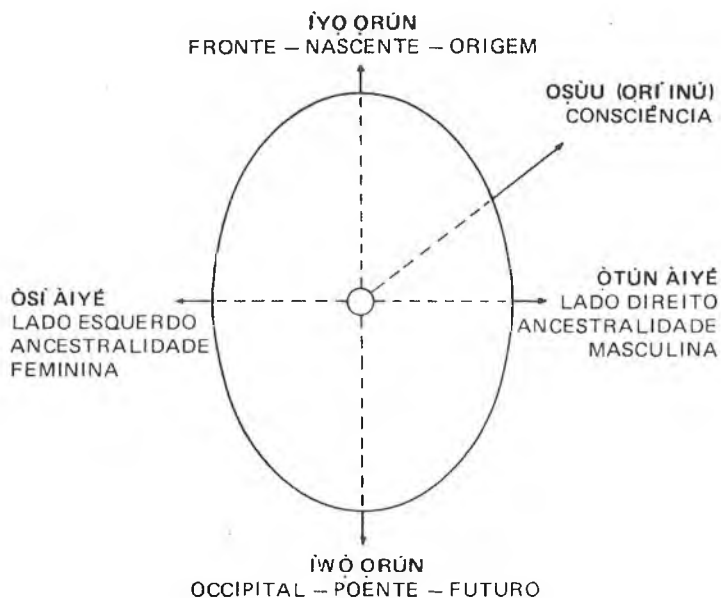
Irúnmọlẹ̀ – Seres divinos de comunicação à *Olódùmarè*.

Òrìṣà – São *Irúnmọlẹ̀s* de comunicação.

Òrúnmilà – Divindade da sabedoria e patrono do oráculo de *Ifá-Ọpẹ̀lẹ̀* e de *Ifá-Olokum*.

Egúngún – São espíritos dos ancestrais.

Os quatro pontos cardeais simbolizam o Universo como um todo. Por sua vez, os componentes do Universo são reagrupados, pertencendo a um desses quatro pontos. Assim, temos: o masculino à direita, o feminino à esquerda, a cabeça para o nascente (origem) e os pés para o poente (futuro).



A crença geral é que *Olódumarè* é o criador do Universo e de tudo que existe. Espalhou seus poderes sobre as coisas de tal forma que seu próprio nome revela as características do poder que possui – Deus – em relação ao Universo que ele próprio criou.

Os *òrişà* são divindades intermediárias de comunicação. Tendo cada um a responsabilidade de guiar os espíritos para a companhia daqueles da mesma linhagem. Cada um deles tem o seu dia sagrado, alimentos, animais para sacrifícios e folhas adequadas à sua forma específica de comunicação. A sua importância está intrinsecamente relacionada com a sua especialidade, o domínio que tem sobre um determinado elemento da Natureza, caracterizando assim o seu poder espiritual e o seu meio de atuação. Desta forma, a grandeza de um determinado *òrişà* não é tão essencial, mas a inter-relação entre um e outro é que é realmente importante.

As sociedades africanas têm uma concepção dual sobre a existência e os fenômenos da Natureza. O pri-

meiro relaciona-se com a existência no *Àiyé* (terra habitada); e no *Òrun* (espaço além). O segundo refere-se aos fenômenos naturais.

Cada indivíduo possui seu espírito específico (*Orí*). Este, por sua vez, encontra-se agrupado com outros de mesma linhagem ou caráter (*Ègbé Òrun* — grupo ou membro de origem espiritual).

No que diz respeito aos fenômenos naturais, o que afeta a um membro de um *Ègbé Òrun* afeta da mesma forma a um membro do *Ègbé Aiyé*. Assim, todos na Terra têm seu *doublé* no além, e a atuação do homem é a atuação de *Olódumarè* (Deus), no plano natural e sobrenatural.

Ritualisticamente, acredita-se que todas as coisas da Natureza, tais como pedra, areia, madeira, água, planta, etc., possuem essências que podem ser “extraídas” e utilizadas para se fazer algo em benefício dos homens.

Rituais são promovidos e correspondem à eficácia de nossas rezas que abrem facilmente um canal de comunicação dos nossos desejos a Deus. Mas estes rituais variam em forma e ordem. É preciso saber o tipo certo e essa determinação advém de *Ifá-Olokun*. E quando é feito dentro das especificações corretas, os resultados serão sempre satisfatórios.

Todos os ritos da prática religiosa são sistematizados. Desde encantação, consulta do jogo dos búzios, sacrifícios, oferendas, danças, músicas e mesmo o aparentemente simples ato de colher ervas são revestidos de bastante objetividade.

A preocupação principal é o bem-estar da coletividade, cuja responsabilidade de cada membro varia de acordo com o seu nível de conhecimento. O principal objetivo é saber fazer sem, necessariamente, ter contato com a negatividade.

Desta forma, o Candomblé é uma variante religiosa forte. Cada membro detém, no hálito, no olhar, no andar, nas mãos e no pensamento, um poder genérico espiritual. Às vezes de caráter imperceptível. Mas a verdade é que os adeptos não têm somente este poder, como

também podem atuar nas conseqüências deste mesmo poder. Onde tudo pode ser feito, ou desfeito.

O objetivo deste nosso trabalho é tentar revelar a simplicidade contida na complexidade dos ritos sacrificiais denominados *ebô*.

ÈŞÙ

Èşù, divindade criada desde os tempos primordiais, é o porteiro de *Olódùmarè* (Deus). Representante dos homens e dos *Òrişà*. Preconceituosamente, é visto como a negação da bondade e, não raramente, associado ao demônio da visão religiosa cristã.

Todavia, é ele — *Èşù* — quem estabelece a extensa rede de comunicação entre os seres e a natureza divina que os circunda.

Está inerentemente relacionado às partículas atômicas ou subatômicas; às cargas elétricas ou eletrônicas que o sangue se encarrega de distribuir.

Èşù aparece com agente do plasma sangüíneo e bioelétrico. Ele, na verdade, está associado a vários tipos de radiações energéticas que formam complexos agrupamentos que logo se auto-organizam como uma rede de forças uniformes, ou seja, uma coleção de partículas (elétrons, íons, partículas neutras), ligadas à produção de radiações e oscilações de caracteres diversos. Assim, o "plasma biológico" (*Èşù*), permite estabelecer uma correlação entre os processos internos do organismo e as condições externas do ambiente.

Desta forma, o plasma pode ser definido como a manifestação bioelétrica natural de todo organismo vivo,

que interage com os distintos campos existentes em torno de si ou meio externo. Com a ajuda dele, cada organismo pode pulsar em harmonia com o Universo.

O *Èṣù* do plasma sangüíneo é o *Èṣù Bara* (rei do corpo) e todos o têm como individual. É o que chamamos de *Èṣù* pessoal. O indivíduo já nasce com ele. É o elemento animador da matéria. *Èṣù* anima os seres, e deles se nutre até o desvanecer da matéria, cuja constituição lhe pertence — Água + Terra — que deu origem à *Èṣù Oni-Yangi*, cujas características são as mesmas do homem, e se manifesta através da bondade e da maldade humana.

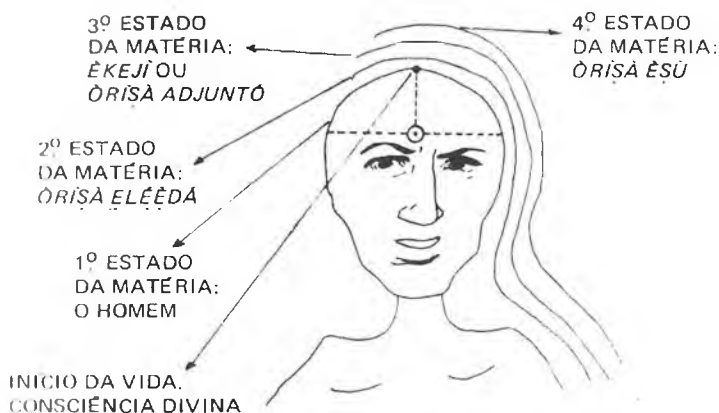
Desta forma, é como se todos nós fôssemos “meio” *Èṣù* e “meio” *Olódùmarè*. Se a vida nos foi doada por *Olódùmarè*, esta certamente não se perpetuaria, não fosse o sangue doado por *Èṣù*, que também é divino e se manifesta em tudo e em todos.

A verdade é que somos filhos dessa junção: barro + *èémí* (sopro divino). Enquanto a matéria fica no futuro, a essência do ser volta à origem e, por outro lado, nem tudo é pó. Porque *Èṣù* é a metamorfose — o grande transformador —, organizador físico e espiritual. Criado especialmente para inspecionar os feitos dos homens e dos *Òriṣà*. Ele atua em todos os níveis, espalhando ou distribuindo o *àṣẹ* dos homens, dos *Òriṣà* e de *Olódùmarè*.

Este mesmo *Èṣù Bara* cria, com a própria força interna do homem (fluido energético humano), o *Èṣù* bioelétrico — ou *Èṣù* social. Este é o intermediário de comunicação, já que as partículas de átomo, íons e partículas neutras vão se agrupando até adquirir vida própria e se instalar no quarto estado da matéria (4ª circunferência do corpo). Neste caso, ele aparece como *Èṣù ootá òriṣà*.

O primeiro *òriṣà* (*ẹlẹ̀ẹ̀dà*), está fixado no segundo estado da matéria, e o segundo *òriṣà* (*adjuntò*) no terceiro estado. Assim, qualquer informação que vier de fora ou de dentro necessariamente tem que passar por *Èṣù*. Como *Èṣù* saiu de dentro, a sua tendência é escapar do

homem, fugir, cortar qualquer elo de ligação existente. Quando *Êsù* começa a se distanciar da matéria, as extremidades (pés e mãos) do homem ficam frios. Há necessidade, então, de fazer culto, chamá-lo de volta, para energizar novamente o corpo.



É comum ouvirmos, no meio candomblecista, frases assim: "*Êsù* está frio", ou então, "*Êsù* está quenteinho". Quando *Êsù* está quente (próximo), a esfera do indivíduo é vermelha e sua pele, por mais que a temperatura ambiente esteja baixa, é quente.

Quando *Êsù* se afasta do corpo do homem, a sua esfera (muitos a chamam de aura) fica completamente azul. O sujeito passa a agir com absoluta emoção, acaba se perdendo e desorganizando sua vida, já que as informações de fora não chegam corretas ao cérebro, da mesma forma que as de dentro não atingem a consciência do Todo.

O que precisa ser entendido é que o nosso plasma bioelétrico (*Êsù*) não tem o mínimo interesse em nos passar estas informações, exatamente pelo fato de ele animar a matéria, sair dela e se nutrir dela própria. Mais um motivo de se fazer culto e estar de bom acordo com *Êsù*. Seu elemento é o fogo, e este nada mais é do que um elemento bioplasmático (a ciência há de confirmar isso).

O dualismo é a característica do Universo, pois tudo está apoiado em dois pólos. Assim, *Èṣù* age com expressa permissão de *Olódùmarè*. Se ele é o mensageiro dos *Òrìṣà*, é porque só ele pode dar movimento às coisas, por conseguinte, somente ele pode transportar a mensagem do som que sai. Esta é uma das razões de *Èṣù* ocupar um lugar de destaque em toda liturgia candomblecista e receber oferendas antes de todos os *Òrìṣà*.

Èṣù é a expansão de vida que transpira por todos os poros do Universo, como se fosse uma peneira, filtrando todas as impurezas psíquicas e comportamentais dos seres. Por isso, os que não estão seguros do próprio caráter, dizem:

*Èṣù máṣé mi oṃo
ẹlòmíròṅ ní o ṣé.*

Exu, não me faça mal, faça mal
ao filho de outra pessoa.

Todos do culto de *Òrìṣà* querem estar de bom acordo com *Èṣù*, sem necessariamente estar de amores com ele. Fundamentado apenas em um profundo conhecimento de si mesmo, tendo consciência de que *Èṣù* é o movimento da própria existência.

Èṣù a òlá K'alú.

Exu, aquele cuja grandeza se manifesta
em todo lugar.

Se todos têm o seu *Èṣù Bara*, logo ele é individual, porque a composição orgânica de cada um é diversificada. O comportamento, então, passa a ser único, e *Èṣù* passa a ser o ajuste, o corretivo, o gerador da consciência e do refletir. Cabe ao homem optar por seu lado *Èḃora* (força caótica, acoplada à própria natureza de forma incontrolável), ou seu lado *irúnmònlè* (ser divino, com responsabilidades a cumprir, na Terra e no Espaço, gerados em torno do próprio homem). Cada ação do homem gera uma reação, e o presente é sem dúvida o filho do

passado, da mesma forma que o futuro é o filho do presente.

Èṣù é força completa, quando dele se diz:

Logémón òrun

Senhor poderoso no òrun.

Aláagbára

Senhor do poder

ou então:

Èlẹgbára

Senhor da força.

É o comunicador, o intermediador. É a palavra de *Olódùmarè*, o equilibrador de tudo, do todo. É a capacidade dinâmica da vida.

Na teologia *Yorùbá*, *Èṣù* é a divindade por ordem da unidade psíquica do Ser que deu origem ao movimento de Luz, objeto central de estabilidade coletiva do homem. Ele é descrito com um caráter tão versátil que devemos ser cautelosos a respeito do que dissermos sobre ele.

Èṣù é certamente um *òrìṣà* inclassificável (em qualquer concepção que não seja de dentro da teologia *Yorùbá*). Ele é muito mais que as informações que o classificam como isto ou aquilo. Ele não foi um ser humano deificado, como algumas divindades que conhecemos. Ele é uma das principais divindades do céu, onde estava com *Olódùmarè* desde o princípio da criação. Nasceu juntamente com o Universo. É o ministro do espaço e serve à vontade da criação.

É a divindade mão direita de *Ọrúnmilá* (*Òrìṣa* da sabedoria). É primordialmente um "relações públicas especial" entre o céu e a terra, o inspetor geral que comunica regularmente à *Olódùmarè* os feitos dos homens e das divindades.

Testa e faz relatórios sobre a exatidão dos cultos e

dos sacrifícios em particular. O seu dever consiste em ouvir *Qrúnmilà* e declarar a sua vontade para os homens, mesmo que essa vontade gere alguns atrapalhos para o homem para que, dentro das armadilhas de *Èşù*, este possa novamente se encontrar com Deus.

A lenda que apresento a seguir ilustra muito bem a conduta moral do homem e a ação de *Èşù* para despertar a sua consciência:

Èşù, o Mercador de Filá

Certo homem tinha duas lindas esposas, as quais ele amava igualmente e que estavam no melhor dos termos. Tão pacífica era a casa onde eles viviam que se tornaram para seus vizinhos modelos de harmonia conjugal e familiar. As pessoas achavam que nada poderia perturbar as felizes relações que existiam entre eles. *Èşù* soube disso e não gostou. Assim, ele esquematizou uma armadilha para eles de modo astuto e usual. Fez um *filá* muito bonito, transformou-se num comerciante e colocou-o à venda no mercado, tendo cuidado, porém, em não vendê-lo a ninguém, até aparecer uma das duas esposas para comprá-lo. Uma delas, ao visualizar o *filá*, imediatamente o adquiriu e alegremente o levou para presentear-lo ao marido. Este, ao receber o belo presente, ficou tão agradavelmente surpreso que, inconscientemente, demonstrou sua apreciação e gratidão de um modo que tornou a outra esposa desconfiada e ciumenta. Esta, porém, nada disse. Aguardou apreensivamente e com inquietação crescente o próximo dia de feira. Quando o dia chegou, ela foi bem cedo ao mercado em busca de um presente bem melhor, e a qualquer custo, para seu marido. E lá esta *Èşù*, esperando-a com outro *filá* que, comparado com o primeiro, engrandecia-o em graça e beleza. Triunfante, a segunda esposa comprou este novo *filá* e o levou para casa dando-o ao

marido. O efeito foi mágico, tornando-a, assim, a preferida do marido. Do jeito que *Èşù* queria: o palco estava armado para a rivalidade aguçada entre as duas esposas, cada uma empenhando-se para sobrepular a outra no perigoso jogo de ganhar o amor do marido. *Èşù*, vindo em auxílio de cada uma na sua vez do jogo, e o humor do marido balançando da direita para a esquerda com a chegada de presentes cada vez mais bonitos. Quando *Èşù* ficou satisfeito, as peças tinham sido bem colocadas como um quebra-cabeças, e a desastrosa explosão inevitavelmente ocorreria. Então, ele abruptamente deixou de ir ao mercado. A próxima esposa em visita a feira ficou frustrada, não encontrando mais o "tal comerciante". Voltou para casa em grande fúria.

Sendo assim, o objetivo de *Èşù* em desarmonizar aquela família, no que estivera trabalhando com grande malícia, por fim aconteceu, ocorrendo então uma grande tragédia.

A ação de *Èşù* pode ser vista como simplesmente maldosa, mas é o tipo de maldade que gera justiça e exemplo social. Então, pergunto: *Èşù* é o Demônio? Não! *Èşù* é a ação de *Oíódùmarè* no destino dos homens e na organização da vida. Ele é bom, o que não é bom é o comportamento do homem.

Èşù, nesta lenda, não aparece como guardião dos sacrifícios, e sim como guardião dos bons costumes.

Èşù senta-se no pé do indivíduo, e este passa a respirar com muita dificuldade, o ar fica muito pesado, o sol muito quente, o frio demasiado. O indivíduo chora e *Èşù* chora com ele.

Èşù arranja problema onde não há problema. A verdade é que ele cumpre sua missão de agente universal do bem e do mal.

Ele é aquele que dorme em casa e tranca a porta com um porrete. É uma divindade bastante sensível, fica indignado por qualquer motivo. Parece possuir um poder que somente *Oíódùmarè* pode conter. Uma palavra dita

em momento não apropriado pode despertar a sua ira. *Èṣù* joga nos dois times sem constrangimento. Anda senhorialmente, sutilmente, balançando-se para a direita e para a esquerda; é o Dono do Corpo. E os *Yorùbá* são bastante cuidadosos neste sentido. Referem-se a *Èṣù*, dizendo:

Orí mi máà (jékí)

mo rí ijà rẹ.

Minha cabeça não vai permitir que eu experimente a sua fúria.

Na verdade, ele é temido até pelas outras divindades, e isso ocorre em virtude de seu ofício. *Èṣù* tem o poder de vida e morte sobre todos. Além do mais, é incidentalmente malicioso, um fazedor de travessuras, capaz de causar grandes confusões. Provocando situações complicadas ou promovendo malícia entre as pessoas. Por isso, é melhor estar de bom acordo com *Èṣù*, ele quebra em pedacinhos o que não pode ser reajuntado.

Certa vez, *Ṣòngó* dizia, gabando-se, que não havia nenhum *òrìṣà* que ele não pudesse dominar. *Èṣù* logo o desafiou:

— Isto inclui a mim?

Ṣòngó imediatamente replicou, desculpando-se:

— Mas por que? Certamente você não poderia ter sido incluído!

Há quem diga que a força primordial de *Èṣù*, neste mundo, é armar emboscadas e criar situações dúbias, mas, mesmo assim, não podemos associá-lo ao Diabo.

Èṣù, em nossa concepção, é apenas a interação bioenergética entre um homem e os demais. É a combinação dos plasmas biológicos entre si. E quando não há equilíbrio plasmático, o homem cedo ou tarde fica enfermo: do corpo, da mente e da alma.

Os *Yorùbá* entendem que para tudo correr bem é necessário que o homem esteja harmoniosamente em contato com as vibrações positivas de *Èṣù*. Depositam toda a sua fé em suas capacidades benevolentes e protetoras.

Ele ocupa uma posição de destaque. É representado por um símbolo que é levantado no centro da cidade ou povoado, o que é freqüentemente repetido dentro de casa e em portas de templos, onde se cultuam os *òriṣà*. As pessoas se dirigem à *Èṣù* religiosamente, de modo a buscar com ele um bom relacionamento.

Há lugares onde festivais são promovidos anualmente em seu nome. Em *Ilé Olují*, esse acontecimento se dá em fevereiro, para marcar o cultivo anual da terra. Os *Yorùbá* organizam esse festival para pedir as bênçãos de *Èṣù*, acalmado-o, para que tudo corra bem com o trabalho durante o ano. Ele é, indubitavelmente, uma das principais divindades dos *Yorùbá*. Não há lugar onde não seja cultuado e propiciado.

A nossa visão é que *Olódùmarè* e *Èṣù* são justos. Agora, se a justiça aplicada resulta em descontentamento para o sujeito, isto acontece em decorrência de seu comportamento. A justiça em si não é boa e nem má, é simplesmente justiça!

Assim, na mente dos candomblecistas, não existe o conceito do bem e mal. Não temos um Deus da luz e outro das trevas. Temos o Universo como um Todo, manifestação de *Olódùmarè* (o Deus Supremo). O que acontece, porém, é que somos um povo que "divide" Deus em diversas partes. Acreditamos que cada elemento ou fenômeno da natureza seja uma manifestação única de Seu poder. O nosso objetivo é estar de bom acordo com todos os elementos, de modo a abraçarmos somente o lado favorável. A água (*Òṣun*) deve servir para manter a nossa harmonia orgânica, saciar a nossa sede e outras tantas finalidades inumeráveis. É claro que a água é um atributo maravilhoso de *Olódùmarè*, e está presente desde a gestação do ser. E a falta desta, mata os seres, mata a vida. Ao mesmo tempo, ela pode provocar doenças terríveis. Isso, os candomblecistas atribuem à ira de *Òṣun*. Desta forma, cada *Òriṣà* corresponde a um elemento da natureza, sem contudo deixar de ser UM em relação ao Universo.

Quando fazemos culto a um determinado elemento da

natureza (*Òrìṣà*), como por exemplo: ao raio (*Ṣòṅgó*) representante da ira de *Olódùmarè*, o nosso objetivo é atingir a essência, a consciência de *Olódùmarè* como um todo. Acreditamos que cada ação gera uma reação proporcional ao som emitido. Saudamos a sua origem, fazendo referência às suas qualidades de energizador da terra sem esquecer, contudo, de seu poder destruidor que racha pilão, paredes, árvores, etc. Desta forma, a nossa consciência é completa e a nossa fé não é cega.

Fazemos referência às suas qualidades, com bastante objetividade, acreditando no poder criador e transformador da *palavra*.



Èṣù o jírè ó?

Exu, você amanheceu bem?

ASSENTAMENTO DE ÈŞÙ (pessoal)

- 200 (duzentas) pedras de caminho (redondinhas)*
- 6 (seis) penas de *odíde***
- tecido vermelho
- muitos búzios
- uma cabaça grande.

Procedimento:

Pega-se a cabaça e corta-se ao meio, na horizontal. Reveste-se com o tecido e enfeita-se com búzios, nas bordas. Fazem-se seis furos em torno da cuia superior e enfeita-se com os *ikóòdide*. As pedras põem-se dentro da cuia inferior.

Folhas de Èşù

- Mamona
- Pega-pinto

* O número 200 (*igba*) significa "grande quantidade".

** As penas do pássaro *odíde* são chamadas de *ikóòdide*.

- Folha-da-costa
- Folha-da-fortuna
- Bredo sem espinho
- Alfavaquinha
- Malmequer bravo
- Folha-de-fogo
- Cansação-de-porco
- Carrapicho-de-agulha.

Sacrifício

- Um frango vermelho
- Uma galinha-d'angola.

Oferendas

- Um *obi* dividido em duzentas partes (em cima de *Êşù*)
- Um *orógbó*
- Seis bifés assados no forno e temperados com: *ataare*, azeite-de-dendê e cebola.
- Gin seco.

Obs.: — Nunca se deve despejar mel sobre o assentamento de *Êşù*. E também nunca se deve exagerar na quantidade de azeite-de-dendê. O que ocorre é o seguinte: quando se oferece gin (que é uma bebida extremamente quente), é como se fosse fogo em cima de *Êşù*. Se colocarmos óleo em cima de qualquer fogo, a tendência dele é aumentar mas, se exagerarmos na quantidade, o fogo se apaga.

- Quem tem este tipo de *Êşù* assentado, deve, todos os dias, antes de lavar a boca, mastigar um *ataare*, destampar o assentamento, rezar os *oriki* e fazer os pedidos para o dia. O maior problema dos candomblecistas é não encontrar tempo para fazer um culto contínuo e conceptivo.

ÈŞÙ OMI YANGÍ



Este é o Èşù da comunidade. É o guardião dos terrenos de Candomblé.

Sua composição é de acordo com os fundamentos de cada Zelador. Todavia, quando se tem concepção limpa a respeito do caráter de Èşù, ele é preparado com: argila, matéria inicial à existência humana; e ferro, que entra apenas para formar sua estrutura.

Os animais de sacrifício são os mesmos do Èşù pessoal. A diferença é que qualquer um dos membros da comunidade pode ir no pé deste Èşù e fazer seus pedidos e reclamações. E é neste caso que mora o perigo, porque nota-se que os mais novos não têm se preocupado muito com os efeitos que um simples pensamento pode provocar.

OS ÒRÌŞÀ

O destino das pessoas é regido pelos *Odù*, predestinação de tudo o que existe no Universo, favoráveis ou desfavoráveis à vida, em todos os sentidos.

Cada *Odù*, portanto, está dividido em duas categorias: positivo e negativo, e representa a mais alta manifestação da energia cósmica — de onde nasceu a vida —, e que deu origem aos *Òrìşà* básicos, surgindo, assim, outros *Òrìşà*, mutações dos primeiros, dando origem a uma linhagem de descendentes que chegam até nós por este fio que nos liga à ancestralidade.

Deste modo, todos nós somos *Òrìşà* de comunicação e a manifestação do homem é a manifestação da natureza e de Deus.



ÈŞÙ

Em sua origem cosmogenética é o responsável pela existência da vida na Terra. É, portanto, o inspetor de *Olódùmarè* (Deus), desde os tempos primordiais.

É o viajante da rota céu ↔ terra, muito veloz, e pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Todos precisam abraçar seu lado favorável, de modo a transitar pelas encruzilhadas da vida sem serem perturbados por ele.

Os *Òrìṣà* dependem de *Èṣù* para fazerem transmitir as comunicações dos homens a Deus, pelo fato dele estar localizado no meio das encruzilhadas de três pontas, de onde são gerados vários caminhos, tornando-o, assim, o tradutor divino das mensagens de *Òrúnmilà* (divindade do Oráculo de *Ifá*).

É uma divindade do fogo, associada ao movimento e ao processo de criação dos seres. É, portanto, um *Òrìṣà* da fertilidade e procriação.

Enquanto o homem respira pelas narinas, *Èṣù* respira por todos os poros. Está associado aos elétrons, à energia, cuja grandeza se manifesta em toda a parte.

*Èṣù máṣé mi ọmọ
ẹlòmíròn ní ó ṣẹ*

Exu, não me faça mal,
faça mal ao filho de outra pessoa

Cores: vermelho e preto

Dia: segunda-feira

Natureza: encruzilhadas de três pontas (*oríta męta*)

Metal: bronze

Saudação: *Laróyè!*

Contas: miçangas azul-arroxeadas

Emblema: *ọgò* (porrete), *àdó* (cabaça).



ÒGÚN

É o *Òriṣà* dos caminhos, da prosperidade e da sabedoria. Está associado ao ferro, elemento essencial à construção de qualquer objeto.

É senhor de dois facões; um ele usa para cortar a horta, e o outro para abrir caminhos. Mesmo tendo água em casa, banha-se com sangue. Em vez de roupa, usa fogo para se cobrir. Está associado às lavas vulcânicas e sua fúria, quando experimentada pelo homem, é desintegração na certa.

É um *Òriṣà* nervoso, colérico, que fere e mata. É valente e sanguinário. Com sua natureza tenaz, faz ou desfaz, desconhece totalmente a razão e age somente pela emoção. Está agregado ao sulfato ferroso do fígado, centro das emoções e sensações humanas.

É o dono da forja, da casa e do espaço fora dela. Portanto, é um vencedor de batalhas. Remove os obstáculos e abre os caminhos da modelação da disposição orgânica.

Tem o poder do fogo e anda lado a lado com *Èṣù*. Enquanto *Èṣù* é o ponto central do triângulo, *Ògún* representa os caminhos gerados pelo triângulo.

É um *Òriṣà* de vitória, o grande conselheiro na hora de se escolher novos caminhos a seguir. Por esta razão se diz:

Ògún ó sìn imonlè!

Ogun, o *imonlè* a quem servirei

Cor: azul-marinho ou verde

Dia: terça-feira

Natureza: jazidas de ferro, caminhos, matas

Metal: ferro

Saudação: *Ògún yè!*

Contas: miçangas azul-marinho ou verdes

Emblema: *Àdà méjì* (dois facões).



ÒṢÒṢÌ

É um *Òrìsà* que está associado ao frio, neblina, orvalho e a tudo que nasce e cresce. Por conseguinte, está relacionado com a fotossíntese — fixação do gás carbônico do ar, através da ação da radiação solar. Como a clorofila tem participação fundamental neste processo, *Òṣòṣì* se torna o irmão de *Òṣònyìn*, que é o *Òrìsà* da essência vegetal.

Sendo caçador e dominador da fauna e da flora, gera progressos e riquezas ao homem, proporcionando a manutenção do sustento.

É um caçador que usa *ofà* (arco e flecha), arma poderosa. *Òṣòṣì* quando bloqueia o caminho, não o desimpede. Por isso se diz:

Ọḍe ó! Mǎà sifí ofà rẹ

Láyè mi!

Oh, caçador! Não atire sofrimentos em minha vida, com o seu arco

Cores: azul-turquesa e azul com dourado

Dia: quinta-feira

Natureza: florestas, selvas, árvores

Metal: latão

Saudação: *Òkè àró!*

Contas: miçangas azul-claro

Emblema: *Ofà* (arco e flecha) e *irùkẹrẹ* (rabo de boi).



ÒSÓNYÌN

É o senhor absoluto das vegetações. *Orìṣà* das folhas e de suas aplicações litúrgicas e toda composição mágica do Candomblé.

Nada se faz sem *Òsónyìn*; ele é o detentor da força, do *Àṣẹ*, indispensável para as divindades. Foi *Òsónyìn* quem ensinou a *Ifá* a arte curativa. É sempre evocado quando as coisas não vão bem.

É o senhor da magia e da medicina, como *Èṣù*; é o companheiro indispensável de *Òrúnmìlà*.

Portador essencialmente de energias cósmicas que conferem ao ser humano o maravilhoso poder de raciocínio. Por isso se diz:

Òsónyìn o! Jẹ ewé ó jẹ o

Òsónyìn o! Jẹ oògùn ó jẹ o

Ó Ossain, permita que a folha produza seu efeito.

Ó Ossain, permita que a magia e a medicina produzam seus efeitos.

Cor: verde

Dia: terça-feira

Natureza: floresta, folhas e raízes

Metais: ferro, prata, estanho, latão

Saudação: *Ewé, ewé Òsónyìn!*

Contas: miçangas verdes e brancas

Emblema: galhos de café com frutos.



LÒGÚN EDÉ

É também um guerreiro entre os *Orisha*. Surge como divindade dentro do *runko* (camarinha), onde é feita a junção de *Ọṣọṣi* com *Ọṣun*, passando a ser o mensageiro de *Ọṣun Yépoṇda*.

É um caçador habilidoso; em terra firme se alimenta de caça e, submerso, alimenta-se de peixes. É, portanto, uma divindade que domina o poder de mutação e transforma-se no que quiser. Por isso se diz:

*Ològún, fihòn awọ
funfun Lóni, ni ọla
ó yíòò fihòn dúdú*

Logun, mostra a pele que desejar.
Se mostrar pele clara hoje,
amanhã mostrará pele escura.

Cores: azul-claro com amarelo-ouro

Dias: quinta e sábado

Natureza: rios e matas

Metais: cobre, ouro e latão

Saudação: *Lóṣì, lóṣì Lògún!*

Contas: miçangas azul-claro alternadas com amarelo-ouro

Emblema: *Ofá e abèbè*.



ÒṢÙMÀRÈ

É o *Òriṣà* da riqueza (material e espiritual). Está associado ao ciclo vital, símbolo de continuidade da vida. É representado por uma serpente, que, rastejando sobre a Terra, desenhou vales e rios.

É o *Òriṣà* que controla e regula os movimentos celestes. Simboliza a atividade, a continuidade e a permanência. Sua comunicação com os homens é expressa pelo arco-íris, o que revela as suas múltiplas funções. Leva água dos mares, transformando-a em chuva, trazendo o raio e o trovão à Terra, garantindo a fertilidade e o crescimento dos elementos da natureza. Por isso se diz:

Àróbò bọ yi!

Aquele que vai, dá a volta e continua!

Cores: verde e amarelo

Dia: terça-feira

Natureza: arco-íris

Metal: ouro

Saudação: *Àróbò bọ yi!*

Contas: miçangas verdes e amarelas e brajá de búzios

Emblema: *Ejò méjì idẹ* (duas cobras de bronze ou latão).



OBÀLÚWÀÌYÉ

É a divindade da morte e somente ele pode evitá-la. É considerado o Rei do Mundo e está associado à radiação solar, o que lhe confere o título de *Bàbá igbónṣh* – Pai do fogo.

É um *Orisha* ambivalente e a ele são atribuídas as doenças contagiosas. A febre, doenças de pele, cegueira, surdez, catapora e sarampo são considerados manifestações de *Obàlúwàiyé*, que utiliza estes meios para levar os seres humanos à regeneração de algum mau costume. Por isso se diz:

Atótóo!

Silêncio!

Cores: preto, vermelho e branco

Dia: segunda-feira

Natureza: sol, terra

Metal: zinco, estanho

Saudação: *Atótóo!*

Contas: miçangas pretas, vermelhas e brancas

Emblema: *Şàşàra* (cetro), cabaça.



SÒNGÓ

Ser humano deificado, representado pelas forças violentas da natureza. Foi associado à *Jàkúta*, divindade que luta com pedras, que expressa a ira de *Olódumarè*, através do raio e do trovão.

É um *Òriṣà* que persegue os ladrões, mentirosos e malfeitores, para esfregar suas caras no chão, sem piedade. Isso ocorre porque *Sòngó* é um *Òriṣà* que rola no chão quem o ofende, da mesma maneira que um novelo de lã. Por isso, seus adeptos sempre pedem a ele para que não os deixe infringir as leis dos homens, e que de suas bocas não saiam palavras que venham a ofender alguém. Por isso se diz:

Sòngó, òòṣà tíó bẹ̀rù ológbò.

Xangô, a divindade que assusta até o gato.

Cores: vermelho e branco

Dia: quarta-feira

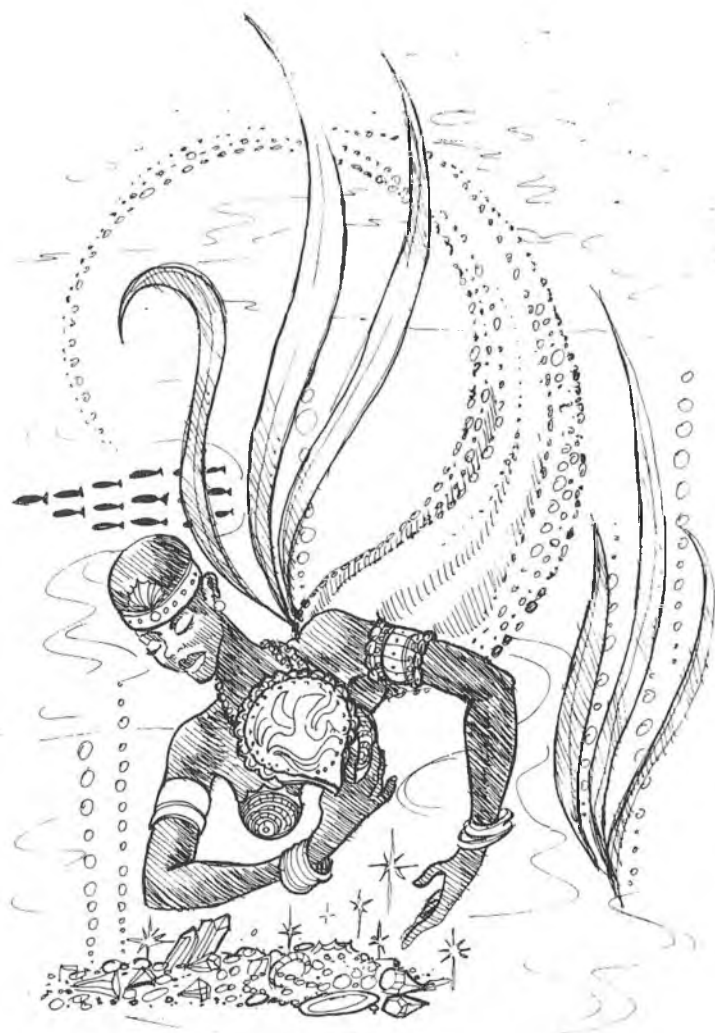
Natureza: raios, trovões, pedreiras, meteoros

Metal: bronze

Saudação: *Ká wòóó, ká biyè sí!*

Contas: miçangas vermelhas e brancas

Emblema: *Sẹ́ẹ́* (cabaça de pescoço alongado).



ÒṢUN

É a graciosa mãe das águas profundas. Divindade dos rios, fontes e regatos.

Òriṣà que enfeita seus filhos com ouro e fica muito tempo no fundo das águas gerando riquezas; que conhece o segredo da vida, mas não o revela.

Mãe procriadora, está associada a fisiologia feminina. Preside a menstruação, gestação e nascimento. É considerada a dona do ovo, símbolo de fertilidade, a maior célula viva, e que evoca a idéia de fartura e riqueza.

Em uma de suas qualidades, tem-se *Òṣun Apárá*, senhora das águas frescas, dotada de força masculina, guerreira que, ao se fazer presente, rodopia como o vento, sem que possamos vê-la, apenas ouvi-la, com sua voz afinada que se assemelha ao canto do *éḡà* (pássaro amarelo). É por esta razão que muitos a confundem com *Ọya* (*òriṣà* do vento).

Enfrenta pessoas poderosas e com sabedoria as acalma com sua doce água que flui sem cessar. Por isso se diz:

Rọra yéyé, gbèmi!

Mãe grandiosa, proteja-me!

Cores: amarelo-ouro ou cinza

Dias: quinta e sábado

Natureza: água doce, rios, lagos e cachoeiras

Metal: cobre (considerado um metal nobre, representante do ouro)

Saudação: *Rọra yéyé o!*

(Apárá): *Rọra yéyé ó fi dé rí ọmọn*

Contas: miçangas amarelo-ouro

Emblemas: *abèbè* (leque de metal amarelo) e *idé*.



OYA

É a divindade dos ventos. Guerreira, forte e destemida. *Òriṣà* veloz, que nos golpeia com a rapidez de um piscar de olhos.

Está presente no tempo e no espaço, é a *Iyá mé-sòṅ òrun* — mãe das nove partes do céu —, o grande vendaval que faz a limpeza do ar que respiramos. O ar em movimento caracteriza a sua essência, é como o fogo que nos queima, sem que tenhamos posto a mão nele.

É um *Òriṣà* que faz as coisas simultaneamente, graças à sua agilidade de espalhar o seu *àṣẹ* no mundo dos vivos e dos mortos, por seu poder e onisciência. Por isso se diz:

Oya aláagbára inú afééfé

Oyá, a poderosa que vive no vento

Cores: branco com rosa, estampado com vermelho

Dias: segunda e quarta-feira

Natureza: vento, raio, montanhas de dois cumes

Metal: cobre

Saudação: *Eè pàà hèè oya!*

Contas: miçangas marrons (de preferência, coral)

Emblema: *Írùkèrè* (rabo de boi preto).



YEMONJA

Está associada à foz dos rios e quebra-mares. Mãe dos peixes e de todas as cabeças.

É evocada para trazer prosperidade e fertilidade. É um *Òriṣà* que tem o poder de curar as doenças com água, sem derramamento de sangue. Com sua própria riqueza (os peixes) ela pode curar um mau *orí*, no ato do *Èbòrí*.

É um dos *Òriṣà* mais velhos entre os *irúnmònlẹ* (seres espirituais) e por este motivo come junto com *Egún-gún* (ancestrais), para saber seus segredos.

Distribui encargos e funções a todos e em tudo põe ordem. Por isso se diz:

Ìyá mí ñsẹ ọwọ pẹlẹ-pẹlẹ nínu omi

Minha mãe está erguendo as mãos, suavemente,
dentro das águas

Cores: prata e azul-claro

Dia: sábado

Natureza: mar, foz dos rios, enseadas, baías

Metal: prata

Saudação: *Odò Ìyá!*

Contas: miçangas pingo d'água

Emblema: *Abẹbẹ* (leque de metal prateado).



NÀNÁ

É um *Òriṣà* bastante complexo. Representa a memória transcendental do ser humano e o acervo das reações pré-históricas de nossos antepassados.

É uma divindade das águas paradas e dos pântanos. Responsável pela matéria-prima (barro) que deu forma ao primeiro homem, participando, assim, da criação do mundo e dos seres.

Nàná rege fisicamente o estômago, os intestinos, a memória e os pés. Temida por todos que conhecem os seus hábitos e costumes, é este *Òriṣà* o representante da continuidade da existência humana e, portanto, da morte. Por isso se diz:

Sálù bá Nàná Burúku!

Divindade que separa os espíritos trevosos da morte!

Cores: azul e branco ou roxo

Dia: terça-feira

Natureza: pântanos, charcos, lago, lama

Metal: estanho

Saudação: *Sálùbá*

Contas: miçangas brancas rajadas de azul

Emblema: *Ibirin* (cetro de nervura de dendezeiro)



ÒRÌSÀÁLÁ

É o governante da vida, está associado à matriz cósmica, como princípio masculino e feminino do poder cosmogénico.

Criador do mundo inorgânico, preside a passagem do sobrenatural à existência física (nascimento) e também à morte, quando o ser perde a individualidade e volta ao pó.

Òrìsàálá foi quem deu forma ao homem, portanto, é o responsável pelos defeitos relacionados com a criação. Está associado à idéia de repouso, imobilidade, tranqüilidade e silêncio.

Detesta violência, brigas e tem horror a sangue. Evita tudo que é excitante. Por isso é tido como uma divindade da paz, imóvel como uma pedra no fundo d'água.

Onde há desavenças, *Òrìsàálá* se envolve na pureza do branco, e brilha emitindo luz para proteger seus seguidores. Por isso se diz:

Ọba òlá, bàbá o!

Oh, grande rei, meu pai!

Cor: branco

Dia: sexta-feira

Natureza: céu, montanha

Metal: prata, platina

Saudação: *Èpáà bàbá!*

Contas: miçangas brancas

Emblema: *Ọpáşóřó* (cajado)

ASSENTAMENTO DE ÒGÚN

- 1 facão
- 1 enxada
- 1 foice
- 1 pedaço de ferro (velho, bastante enferrujado)
- 1 alguidar grande
- muito vinho branco
- muito *mònrìwò* (folha de dendezeiro)

Quando se faz *Ògún*, deve-se cobri-lo com *mònrìwò*, para que sua manifestação seja tranqüila e a menos selvagem possível. Haja vista que *Ògún*, no culto, é considerado *Ebora* (força caótica incontrolável).

Animais de Sacrifício

- 1 cabrito vermelho
- 4 frangos vermelhos
- 2 pombos brancos
- Temperos: *ataare* e azeite-de-dendê
- Inhamé é indispensável em qualquer oferenda para *Ògún*.

Folhas de Ògún

- Erva-tostão
- *Pèrègún*
- Parietária
- Canela de macaco
- Folha de *ìrokò* (gameleira)
- Espada de *Ògún* (junçá)
- Palmeira de dendê (*mònrìwò*). Esta é a principal folha de *Ògún*. (Obs.: a folha de *ìrokò* é indispensável a todos os *Òriṣà* e pode ser substituída por todas as outras, contudo, a folha principal de cada *Òriṣà*, esta não comporta substituição.)

Como Colher as Folhas

- Ao raiar do dia tome um bom banho com sabão-da-costa. Vista roupas brancas e cubra o *orí* com pano-da-costa.
- Faça uma oferenda para *Òsónyìn* com:
 - 1/2 copo de mel
 - 1 pedaço de fumo
 - 1 vela
 - 4 moedas de igual valor
- Antes de adentrar na mata, bata *ipatéwó* — *paò* — (palmas com ritmo próprio) e faça a saudação:

Òriṣà igbó ibà
Òriṣà Oko ibà
Òriṣà Oya ibà
Òriṣà Ode ibà
Òriṣà Ògún ibà
Òriṣà Òsónyìn ibà

- Entre no mato mastigando *ataare* ou *obi* (para purificar o hálito). Escolha uma árvore frondosa e limpe bem o chão. Acenda a vela, faça a oferenda do mel e do pedaço de fumo para *Òsónyìn*. Enquanto isso diz-se:

Mo júbà Ọsọnyìn, òriṣà ewé
Ossaiyn, orixá das folhas, saudações.
Ọsọnyìn mo pè ọ o!
Ossaiyn, eu te chamo!

— E cante:*

Àwa dàgò l'ojú ewé, awa dàgò l'ojú ẹ mọ oògùn,
A dàgò l'ojú ewé, a dàgò l'ojú ẹ mọ oògùn.

auá dagò lôjú euê auá dagôlôjú é mǎ òogum
auá dagò lôjú euê auá dagôlôjú é mǎ òogum

Nós te pedimos licença para os nossos olhos, folha,
Pedimos licença para os nossos olhos verem vosso
Conhecimento da medicina, nós te pedimos licença
Para os nossos olhos, folha, pedimos licença para
Os nossos olhos verem vosso conhecimento da magia.

Ewé ẹ ní àṣà ki ó jẹ, ewé jẹ si gbogbo Ọriṣà
Ewé ki mọ àṣà ki ó jẹ babá, ewé jẹ si gbogbo Ọriṣà.

euê é ni axá qui o jé euê jé si bôbô orixá
euê qui mǎ axá qui o jé babá euê jé si bôbô orixá.

Folha, você é e tem a tradição dos costumes
do culto sagrado
Folha, você é para todos os orixás, folha que
Entende (conhece) os costumes tradicionais e é o
Nosso Pai, folha, é para todos os orixás.

Ewé pẹlẹ pẹ àní tó pẹ ewé, pẹlẹ pẹ àní tó pẹ,
Làkàkà a fún ó ni fẹẹrẹfẹ pẹlẹ pẹ àní tó pẹ.

* Cantigas ex traídas de OLIVEIRA, Altair B. *Cantando para os Orixás*. Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 1993, p. 44-50.

euê puélé pué ãni tô pué euê puélé pué âní tô pué
lacaca a fum o ni fééréfé puélé pué ãni tô pué.

Pegue a folha gentilmente, demoradamente,
bastante demorado
A folha, gentilmente demorado, bastante demorado,
E se esforce tenazmente (com tenacidade), e a
Folha nos será dada alegremente.

— Ao terminar de apanhar as folhas, retire-se do
mato com muito respeito.

— Ao chegar em casa, selecione as folhas e lave-as
com muito cuidado. Vá depositando no pilão de *Òrìsá-
álá*, juntamente com um *obi*, *orógbó*, *aridán*, noz-mosca-
da (ralados) e um pouco de mel. Comece então a socar,
enquanto canta para *Òsónyin*:

Ewé oògùn mọn, ewé àṣà ewé oògùn mọn l'òṅṅṅ,
Ewé oògùn mọn, ewé mi l'òkè ewé a sú ṣà l'òṅṅṅ.

euê òogum mã euê axá euê òogum mã lónã
euê òogum mã euê mi lôquê euê assúxã lónã.

Folha que conhece a medicina (cura da)
Folha das tradições e costumes (litúrgicos)
Folha que conhece os caminhos da magia
Folha que conhece a medicina
Folha, leve-me para o alto (ascender na vida)
Folha que nós trocamos nos caminhos das
tradições.

★ ★ ★

Pèrègún aláwé titun ó, pèrègún aláwé titun,
Gbogbo pèrègún aláwé lésé, pèrègún aláwé titun ó.

pêrêgun aláué titum ô pêrêgum aláué titum
bôbô pêrêgum aláué lésé perêgum alaué titum ô.

Peregum é o dono das folhas novas e frescas.
Todos os pereguns são donos das folhas novas e
frescas.

E têm seu próprio suporte, pois peregrum é o dono
Das folhas novas e frescas.

Ọsọnyìn aláwọ wá, ọ̀wúre pípé Ọ̀rìṣà ewé
Ọsọnyìn aláwọ wá, ọ̀wúre pípé Ọ̀rìṣà ewé

ósanhim aláúô uá xauúré pu ípué òrìsà euê
ósanhim aláúô uá xauúré pu ípué òrìsà euê

Ọsọnyìn é nosso sacerdote, faça-nos o encanto
Que nos traga boa sorte em sua totalidade,
*Ó Orixá das folhas.**

— Uma parte das folhas será utilizada para forrar o
chão onde será posto o assentamento do *Ọ̀rìṣà*.

— Caso estiver com *iyáwó* recolhido, uma parte se-
rá para o forro da esteira.

— Utilize o bagaço das folhas para limpar as ferra-
mentas do *Ọ̀rìṣà*.

— Para fazer sacrifícios, ou mesmo uma oferenda
para *Ọ̀gún*, deve-se levar em consideração o horário que
o *Ọ̀rìṣà* sai e o horário que ele volta. *Ọ̀gún*, por ser caça-
dor, seu costume é sair bem cedo e voltar à tarde. Assim,
os sacrifícios devem ser feitos pela manhã ou à tarde.
Tudo no culto é uma questão de análise do contexto so-
cial humano e do comportamento do *Ọ̀rìṣà*.

Comidas Secas

- milho torrado
- amendoim torrado
- feijão fradinho torrado
- inhame assado
- feijão preto semicozido
- *ègbo* (canjica branca cozida)

* Cantigas extraídas de OLIVEIRA, Altair B. *Cantando para os Orixás*. Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 1993, p. 44-50.

- 7 acaças
- 7 *obi* vermelhos (*obi* branco não serve para oferenda)
- 7 *orógbó*

Sacrifício

– Com 7 *ataare* na boca, ofereça as folhas de aroeira para o bode comer. Enquanto se diz:

Ẹ mo fòrí kan, mo f'orí ó. . .

– Quando o animal comer as folhas, grita-se o nome do *Ọrìṣà*:

*Ọgún yè e e!
Onílé, oní tèmí
Kí ó ní ọgọ.*

*Mo júbà bàbá mi
Ó kí ní ilópo ẹwàà,
Ó wá nílé, Ọgún Ọnírẹ oko mi.
Ọgún Ọnírẹ ọkúnrin gbọn-gbọn gidi.
Ọgún Ọnírẹ ọkúnrin sọn-sọn gidi.
Okúnrin wá,
Okúnrin wò,
Okúnrin wá àwa wòwó.
Okúnrin gbọn-gbọn, gbón gbón.
Okúnrin gbọn-gbọn gbèlé,
Ọgún!
Aşọ inọn ní aşọ Egúngún,
Aşọ mọnríwo ní aşọ Ọsọnyìn!*

Meus respeitos, meu pai!
Aquele que se multiplica por dez,
Aquele que vem para casa, *Ọgún*, Senhor de *Írẹ*
e da minha fazenda.

Aquele que está na casa, *Ògún*, Senhor de *Íré*
e da minha fazenda.

Ògún, Senhor de *Íré*, homem impossível e de
importância.

Ògún, Senhor de *Íré*, o homem que derruba
árvores e abre clareiras na floresta, de real
importância.

Homem, venha,

Homem, olhe.

O homem que está nos vigiando no culto.

Homem impossível de se ter problemas com ele,
quando se é cauteloso.

Homem impossível que dá sustentação à casa,

É *Ògún*!

Roupa de fogo é a roupa de *Egúngún*.

Roupas de folhas de palmeiras é a roupa de
Ọsọnyìn!

— Neste momento, coloca-se *mọnrìwò* nos ombros
do *iyàwó* e também em cima das ferramentas de *Ògún*.

Àwa áyọn, àwa áyọn,

Àwa áyọn, àwa áyọn Ọrìṣà tíì kọrá re lé gbé.

Ògún Ọnílé ààrò!

Olóònòn imọn!

Ògún Ọnílé àti ekún!

Ògún olóòde dé ọlà!

Ọníríré, Ọnílé kọngun kọngun óde ọrun,

Ògún Ọníríré oko mi!

Ògún nígbátí ó ti òkè bọ,

Aṣọ inọn lo mu bọra èjẹ!

Àìsì lẹwọ rẹ sọọ.

Olóoko mi, dákun dààbò fi yè dé nọn.

Dákun dààbò k'a a fi yè dé nọn.

Ògún Ọníríre

Oko mi!

Méje l'Ògún wọn!

Méje l'Ògún!

Méje n'Íré,

Méje l'Ògún!
Ìré kíì sé ilé Ògún.
Ọya kí wọn àgbèdè nibè.
Ò wà mèmun ní.
Ògún Òníléré oko ó mi!
Dákun wá gbà ẹbọ rẹ,
Ògún Òníléré ó sìn Imọnlẹ!

Nosso esforço, nossa perseverança,
Nosso esforço, nossa perseverança, *Orisà* que
traz a riqueza, fertilidade e felicidade para
morar em casa.

Ògún é dono da casa e da forja!
Senhor dos caminhos das folhas novas de
palmeira!

Ògún, dono da casa e do leopardo!
Ògún, dono dos caminhos que chegam à riqueza!
Senhor de *Ìré*, dono da casa cujas fronteiras
ficam acima do teto do *Ọrun*,
Ògún, senhor de *Ìré* da minha fazenda!
Ògún, que quando desceu da montanha
cobria-se com roupas de fogo e sangue!
Sem sua ajuda é difícil.

Senhor da minha fazenda, por favor, proteja-nos
para que voltemos vivos dos caminhos.
Por favor, proteja-nos para que usemos e
cheguemos vivos dos caminhos.

Ògún, Senhor de *Ìré*
E da minha fazenda!
São sete os *Ògún*!
Tem sete *Ògún*!
Sete em *Ìré*,
Tem sete *Ògún*!

Ìré regozija-se por tornar-se a casa de *Ògún*.
Ọya cumprimenta os ferreiros de lá.
Ele está bebendo cerveja (*ẹmun*).

Ògún, Senhor de *Ìré* e da minha fazenda!
Por favor, venha receber seu ebó,
Ògún, Senhor de *Ìré*, o *imọnlẹ* a quem eu servirei!

Neste momento, começam os sacrifícios, pela ordem do preceito.

*Ó lomi nílé àti fi èjẹ wẹ!
Aláàsọ nílé fí imọ̀n bòra Ògún!
Ògún t'ó dé ní jẹ ajá.
Ọlọ́ọ̀là ni mu jẹ ènìyàn.
Ògún ikọ̀la igbín ní jẹ.
Ògún gbénòn-gbénòn ó jẹ igi ni tì ẹ.
Ọnírẹ́ t'àgbèdẹ pé-ń-pé irin ni tọ̀rọ.
Ògún Ọnírẹ́, Ògún yẹ e e!
Ire owó, ire omọ.
Ògún olóoko lé ààrò!
Ló ó jẹ ọba nílé ààrò.
Ògún tọ kọ̀n òde dé imọ̀n!
Ó ló jẹ ọba ní gé ààrò.
Ni gbogbo irúnmọ̀nlẹ bá pẹ̀jọ.
Lọ̀nọ̀n sáwo jẹ.
Ògún yẹ e e!
Ògún Ọnírẹ́ oko mi ó sìn imọ̀nlẹ.
Olóomi nílé àti fí èjẹ wẹ.
Aláàsọ nílé fi omọ kíì bòra.
Ògún, dákun wá gbẹ̀bo rẹ.
Ògún k'a lọwọ owó.
Ògún kí a kọ̀lẹ ọ̀là!
Àşẹ, àşẹ, àşẹ!
A ní àşẹ ọ̀nọ̀n kíì (orúkọ Ògún).
Ògún ọ̀nọ̀n ní òdì mò àdà.
Ògún dákun máà jẹkí ọ̀nọ̀n
Òdì mo wà.
Ògún, Olóroko.
Ògún, ó pa ńgbà.
Ògún ló kí ebo lọ gbè isu.
Olóroko mọ̀su tíí isu fí jìnnọ̀n.
Wọ̀nrọ̀n-wọ̀nrọ̀n!
Okúnrin gbón-gbón gidì.
Okúnrin sọ̀n-sọ̀n gidì.
Okúnrin wá!
Okúnrin wò!*

Okùnrin wòwo!
Okùnrin (gbón-gbón — gbón-gbón)
Okùnrin gbón-gbón gbélé.
Ògún Oní'íré oko mi.
Ògún Oní'íré ó kọqmi!
Ògún dákun ire gbogbo wa.
Kò iyà lé wa.
Ire gbogbo lẹ̀nẹ̀n ire gbogbo!
Ire gbogbo wọ̀n wà wọ̀lé wa.
Kọ si mi!
Ire gbogbo wà lẹ̀é mi wá.
Ire gbogbo,
Àşẹ, àşẹ, àşẹ!

Ele tem água em casa e usa tomar banho de sangue!
Ògún é o Senhor que tem roupas em casa, mas veste-se com folhas novas de palmeiras!
Ògún é aquele que ao chegar come cachorro. Senhor da riqueza e que pode tornar ricas as pessoas.
Ògún que usa marcas tribais come caracol.
Ògún carpinteiro é aquele que consome uma árvore apenas ao encostar-se nela.
Senhor de *Íré* que deixa o ferro pequenino como efeito.
Ògún, Senhor de *Íré*, salve *Ògún*!
Traga felicidade de dinheiro e felicidade de filhos.
Ògún, dono da fazenda e da casa da forja!
Ele é o rei na casa da forja.
Ògún é quem segue o caminho para chegar às folhas novas de palmeira!
Ele é o rei para quem cortamos antecipadamente. Com quem todos os *Irúnmonlẹ* juntam-se para suprir suas deficiências.
A quem cultuamos no caminho (ou: Quem é cultuado no caminho).

Salve *Ògún!*

Ògún, Senhor de *Íré* e da minha fazenda,
o *Imonlê* a quem eu servirei.

Senhor que tem água em casa e que usa tomar
banho de sangue.

Dono das roupas da casa, a quem os filhos
cumprimentam ao vestirem-se.

Ògún, por favor, venha receber seu ebó.

Ògún é quem nos ajuda a termos tradição.

Ògún, com quem construiremos a riqueza da
nossa casa!

Assim, seja, assim seja, assim seja!

Nós temos a graça de no caminho cumprimentar
(nome do *Ògún*).

Ògún do caminho é quem conhece o lado errado
da espada.

Ògún, por favor, não permita que os caminhos
Estejam errados para mim.

Ògún, o dono que olha a fazenda.

Ògún, ele mata, ele recebe.

Ògún é aquele que irá receber oferendas de
inhames.

Dono que olha a fazenda e conhece o bom
inhame apenas olhando à distância.

Ele é irrequieto!

Homem irascível, mas de muita importância.

Homem que derruba árvores na floresta e
abre clareiras, ele é muito importante.

O homem que vem!

O homem que olha!

O homem que vigia o culto!

O homem com quem é impossível de se ter
problemas com ele quando se é cauteloso.

Homem irascível que protege a casa.

Ògún, Senhor de *Íré* e da minha fazenda.

Ògún, Senhor de *Íré*, o primeiro para mim!


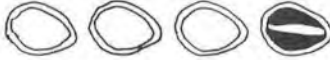



Ògún, por favor, faça-nos todos felizes.

Não castigue nossa casa.

Que sejam felizes todos os caminhos, felizes todos!
 Sejam felizes todos os que estão dentro de nossa casa.
 O primeiro para mim!
 Sejam felizes todos os que estão vindo à minha casa.
 Todos felizes,
 Assim seja, assim seja, assim seja!

— Ao terminar os sacrifícios, partem-se os *obi*, jogando-os e extraíndo as respostas do *Òriṣà*:

Vejamos as combinações possíveis, no jogo de *obi* ou qualquer outro jogo ritualístico, cuja composição seja quatro. Tomemos os búzios como exemplo:

<i>Àláfíá</i>		<i>SIM</i>
<i>Ètawá</i>		<i>confirma jogada anterior</i>
<i>Èji-fé</i>		<i>SIM</i>
<i>Òkònròn</i>		<i>NÃO</i>
<i>Ọyékú</i>		<i>NÃO</i>

— Quem está intimamente familiarizado com o sistema, pode, tranqüilamente, extrair outras informações, da seguinte forma: *obi* de quatro partes — 2 partes são femininas e 2 são masculinas.

1. Um feminino aberto e os outros fechados — *Ajé* — quer dizer: riqueza. Se olhássemos apenas pelo significado de *Òkònròn*, o resultado seria não,

no entanto, este é um *Òkònròn* cheio de prosperidade.

2. Um masculino e um feminino abertos – *Èjire* – quer dizer: amizade. É um resultado de bom relacionamento social e que a oferenda foi bem aceita.
3. Dois masculinos abertos – *Okóòròn* – quer dizer: crimes, dificuldades, ameaças e disputas. É um resultado excelente, quando a finalidade do que se faz seja perseguir alguém. Mas se, por exemplo, esta queda tenha saído após um assentamento de *Ògún*, isto significa que este *Ògún* é um *Ebora* e o seu culto tem que ser feito no mato.
4. Dois femininos abertos – *Yéyé-Òròn* – quer dizer: fraqueza. É um resultado que indica não haver progressos, através do ritual feito.
5. Dois masculinos e um feminino abertos – *Akíta* – quer dizer: sucesso, porém, depois de muitas dificuldades. Este resultado propõe paciência para solucionar os problemas.
6. Um masculino e dois femininos abertos – *Obíta* – quer dizer: neutro.
7. Dois masculinos e dois femininos abertos – *Ofun tàbí Àláfíà* – quer dizer: tudo de bom. Este resultado é a indicação de que o sucesso será absoluto.

Enfim, o meu objetivo é transmitir práticas ritualísticas, observando os cuidados necessários à sua execução. *Ògún*, por exemplo, é um *Òriṣà* extremamente perigoso, que está relacionado com o sulfato ferroso do fígado (centro das emoções humanas – onde a razão fica sem espaço).

Ògún é um *Òriṣà* único, com sete qualidades. Uma delas o destaca como um grande cortador de cabeças. Outra, é considerada como o *Ògún* dos barbeiros e come cabelos. Outra o faz tão violento que come a ferrugem do próprio ferro, o seu elemento. E quando aparece na

qualidade de *Ògún-Mákin-dé* destaca-se como um especialista em comer gente. Portanto, fica aqui o meu alerta: de que não é aconselhável lidar com este *Òrìṣà* caso não se tenha uma concepção limpa do seu caráter comportamental, na Terra e no espaço.

ASSENTAMENTO DE ÒRÌSÀÁLÁ

- 1 bacia de louça ou ágata grande
- 1 pedra branca
- terra fértil
- areia branca
- 96 búzios
- 10 pratos brancos
- 10 idés de metal branco
- 1 quartinha
- 1 pilão
- 1 *irùkẹ̀ẹ̀* branco
- 1 *òpáșòrò*
- 10 *ẹfun*
- muitas moedas de níquel ou prata
- pano branco de algodão puro
- algodão
- *ori*

Procedimento

- Coloque a terra na bacia e cubra-a com uma camada de areia. No centro colocam-se a pedra, os búzios, as moedas e os *idẹ*.

– Com os pratos faça uma circunferência em volta dos objetos, que estão no centro da bacia.

– Os *efun* são embrulhados no algodão e servirão como oferenda permanente.

– O pilão é o seu assento; o *òpásòrò* o seu apoio; e o *irùkèrè* é o símbolo de sua realeza e autoridade.

– O pano servirá para cobrir o assentamento. Este simboliza a natureza da luz branca do *Òriṣà*.

Sacrifícios

– 2 *igbĩn* (caracol da terra)

– 2 pombos (estes não são sacrificados)

Comidas

– 10 *Èkuru funfun* (inhame cozido, socado no pilão e embrulhado em folhas de bananeira)

– 10 açaçás (*ẹkọ*)

– *Ègbo* (canjica branca) com *ori*

– arroz com clara de ovos e mel

– sementes de abóbora (tira-se a casca). Fazer um purê com molho de tomate, espinafre e cebola ralada.

– purê de feijão branco (sem pele). Com *Ori* e cebola ralada.

– frutas: uvas verdes

– flores brancas

Folhas de Òriṣàálá

– Cana-do-brejo

– Folha-da-costa (branca)

– Cajá

– Folha da fortuna

– Rama-de-leite

– Folha-de-leite

– Capeba

– Golfo branco

– Jarrinha

– Folha-de-vintém

– Beldroega

– Folha de *ìrokò*

EBORI

Muitos sacerdotes e outros estudiosos respeitáveis da cultura afro-brasileira escreveram sobre o ato litúrgico, denominado de *Ẹbọrí: Ẹbọ* – sacrifício; *Orí* – cabeça. É uma forma ritualística de alimentar a cabeça e fortalecer a psique.

Os textos desses autores começam sempre nos impressionando pela sua composição, no tocante ao jogo de palavras, mas não tardam em nos decepcionar com as famosas frases: “É segredo da seita”, ou “é segredo reservado aos iniciados – *awo*”, e a decepção do leitor é completa, porque não encontrou no corpo da obra o que leu no índice ou na apresentação. Em resumo, o que esses autores nos dizem é que guardam os princípios do ato para não ferir os preceitos da religião. Pretexto!

Em diversas destas obras encontraremos – e sem nenhuma desculpa – receitas abomináveis de feitiçarias. E eu pergunto: isso não fere a dignidade humana? Não fere a concepção do Candomblé, que visa simplesmente o encontro, o equilíbrio com *Olódumarè*?

O que realmente precisamos fazer é, através da informação (não-“misteriosa”), expressar a nossa visão de mundo, de vida e de Deus, sem reticências. Sem conota-

ções que gerem dúvidas e preconceitos, deixando claro que, enquanto outras religiões crêem que Deus perdoa os seus pecados, nós cremos em *Olódumarè* como o equilíbrio do Universo. Desta forma, nada é segredo, nada é mistério, nada é "pecaminoso". Julgo, então, desnecessária a omissão do conhecimento a leigos ou a iniciados mais novos do culto, sob pretexto de não possuírem *àṣe*, visto que o *àṣe* aumenta exatamente com o próprio conhecimento do indivíduo.

O *Èbòrí* é, sem dúvida, uma das mais belas práticas da liturgia *candomblesta*. Sua necessidade surge, exatamente, quando uma determinada pessoa se sente psicologicamente desestruturada, o que a leva a perturbações físicas e mentais e sua vida começa a sofrer uma série de mudanças indesejáveis. Neste caso, *Èbòrí* é uma obrigação simples, porém muito eficiente, e faz com que a pessoa volte à sua estabilidade emocional.

Ritual

Primeiramente consulta-se *Ifá*, para saber quais são os *Òriṣà* da pessoa. Isso é feito para que não se cometam erros, tais como: oferecer *obi* à cabeça de um filho de *Ṣòngó*; mel aos filhos de *Òṣòṣi*; ou dendê aos filhos de *Òriṣàálá*. O ato do *Èbòrí*, como já expliquei acima, é para a cabeça do indivíduo e não para o *Òriṣà*.

Podem ser oferecidas para o *Orí* as comidas sagradas dos *Òriṣà*, como normalmente se faz, todavia não é rigorosamente necessário seguir-se esta regra porque — já que o *Èbòrí* é uma festa para a cabeça — ele pode comer e beber tudo que o indivíduo goste. Alguns detalhes devem ser observados. Por exemplo: não oferecer comida apimentada ao *Orí* de quem não goste deste condimento, porque se a pessoa rejeita é sinal de que *Orí* não aceita.

Se *Èbòrí* é uma grande festa para a cabeça da pessoa, para que esta venha a ficar contente, os participan-

tes devem ser seus bons amigos, para que venham comungar juntamente com a felicidade da pessoa que recebe o *Ẹbọ*.

Para receber *Ẹbọrí* a pessoa deve passar por uma série de rituais de limpeza:

Ẹbọ Ikù

- *Pàdè* de azeite-de-dendê
- *Pàdè* de água
- *Pàdè* de mel
- 9 *àkàrà*
- 9 *èkuru*
- 9 acaçás (*ẹkọ*) brancos
- 9 acaçás (*ẹkọ*) vermelhos
- 9 ovos brancos
- grãos: feijão preto
feijão fradinho
feijão carioca
arroz (cru)
pipocas
canjica branca
- Legumes: beterraba
cenoura
batata
inhame
cebola
- Verduras: couve
repolho
alface
- Ave: um frango branco
- Outros: 1 pano branco do tamanho da pessoa
9 velas
1 alguidar grande
- Folhas: *pèrègún*, aroeira, são-gonçalinho

- Tempero: sal, água, cachaça, azeite-de-dendê e mel.

Procedimento

– Põem-se as oferendas arrumadas em ordem, ao lado, e acendem-se as 9 velas.

– Pega-se o alguidar e coloca-se-o em frente à pessoa. Esta deve estar com a coluna bem reta e relaxada. De olhos fechados, com 9 *ataare* na boca e pedindo para si tudo de bom.

– Põe-se um pouco de sal dentro do alguidar e diz-se:

Iyò, iyò, ló gè
Iyò ló gè

- Em seguida põe-se um pouco de água e diz-se:

Şé k'ara tú omi
Ki odò bọ ki ara tú omi
Ki odò bọ

- Põe-se um pouco de cachaça e diz-se:

Ẹ bara ọtí
Ẹ ní là orí ọ ó
Ẹ bara ọtí
Ẹ nilà orí

- Põe-se um pouco de azeite-de-dendê e diz:

Írójú ọlọbè
Epo ìrójú ọlọbè epo

- Por último, põe-se mel e diz-se:

Ó dùn bá ti ọlà

Yìí bá tí owó
Oyín oyin èkuru

— Em seguida parte-se uma cebola em quatro partes e diz-se:

Ikú mo pè ó o!
Ikú rẹ́ ó o!

— Pergunta-se, então, a *Ikú* se aceita o *Ẹbọ*. Joga-se a cebola no chão, como se faz com *obi*, *orógbó*, etc.

A confirmação é idêntica ao jogo de quatro búzios e a consulta tem que ser feita, no mínimo, duas vezes:

ỌYẸKÚ — não
ỌKỌNRON — não
ẸTAWA — confirma a jogada anterior
ẸJÍ-FẸ — sim
ÀLAFIÀ — sim

Digamos que a primeira jogada saiu *Ọyẹkú*, seguido de *Ẹtawá*, isto quer dizer que *Ikú* não aceita o *Ẹbọ*. O que precisa o oficiante do ato fazer é verificar qual o erro que está sendo cometido, de modo a corrigi-lo. Isso às vezes pode ser solucionado espargindo um pouco de água sobre o *Orí* da pessoa.

— Passe então o *ẹbọ* na pessoa, começando pelo frango, enquanto se canta:

Sáará rẹ́ ẹbọ kú ọ̀nọ̀n
Sáará rẹ́ bí àkùkọ.

Após passado no corpo da pessoa, o frango é sacrificado (cortando pelas costas) dentro do alguidar. Quebram-se-lhe as asas e os pés.

— Passe na pessoa o restante do *Ẹbọ* e vá colocando um pouco de tudo dentro do frango. Enquanto isso, reza-se:

Sàà sàà gbálé (lẹ)
fun a ó.
Sàà sàà gbalẹ.

Şó şó şó ekuru
İyásán lẹ ẹbọ ekuru
Şó şó şó ekuru
Oya gbálẹ ekuru.

— Por último, abre-se um *obi* e verifica-se se tudo foi aceito. Obtendo resposta afirmativa, divida-o em nove partes e ponha-o sobre o *Ẹbọ*.

— Passe o pano branco no corpo da pessoa, pedindo paz e limpeza para a sua vida, enquanto retira os resíduos dos alimentos.

— Embrulhe o *Ẹbọ* no pano e amarre-o. A pessoa, ainda com os olhos fechados, salta por cima do *Ẹbọ*.

— Consulte *Ifá* para saber onde este deve ser despachado.

Banho

— Ingredientes:
sabão-da-costa, *iyèrẹ̀òsun*, bucha do mato.

Procedimento

— Pegue um pedaço do sabão e corte-o em fatias bem finas. Junte um pouco de *iyèrẹ̀òsun*, e misture bem, até conseguir a consistência original do sabão. Divida em duas partes. Ponha uma parte na bucha e dê para a pessoa tomar o banho:

— lave primeiramente a cabeça, friccionando-a bem. Em seguida o rosto, pescoço, tórax, braço esquerdo, perna esquerda, braço direito, perna direita, por último barriga e órgãos sexuais. Lave bem o corpo e retire todo o resto

do sabão que ficar na bucha. Coloque a outra parte do sabão na bucha e repita o processo. Joga-se a bucha na rua.

— Em seguida, dá-se um banho na pessoa com as seguintes ervas:

- espada de *Ògún*
- aroeira
- açoita-cavalo
- malmequer bravo
- *pèrègún*
- erva-tostão
- alfavaquinha
- folha-da-costa
- mutamba
- com um pouco de mel, açúcar, *obi* e *orógbó* ralados

— Faça uma pasta com *ori* e *ẹfun*, e passe nos pulsos, antebraços, tornozelos, tórax, nuca, na cabeça e no umbigo. Em seguida, amarre os *contra-egun* e faça com que a pessoa vista roupas brancas, com a cabeça também coberta com um pano branco (*álá*).

— Recolhe-se a pessoa e deita-se-a sobre uma esteira forrada também de branco onde, embaixo da mesma, estarão as folhas de fundamento do seu *Alááşe*.

— Faça então oferenda para *Obàlúwàiyé*:

- feijão-preto cozido e temperado com cebola ralada, passado no azeite-de-dendê, enfeitado com camarões fritos e pipocas.
- Pipocas, enfeitadas com 14 fatias de coco.
- Farofa de azeite-de-dendê, enfeitada com rodelas de banana-da-terra.
- *Ẹko*, *ẹgbo* e *aluá* de abacaxi.

— A pessoa permanece juntamente com estas oferendas por 24 horas, quando tudo deverá ser levantado e enterrado.

— No dia seguinte, bem cedo, dar-lhe outro banho de ervas.

Ebó de Egúngún

- 1 garrafa de pinga
- 1 bandeira branca (vai dentro da pinga)
- 9 *işón* (varas de amora)
- 9 *àkàrà*
- 9 *èkuru*
- Azeite-de-dendê
- Muitas tiras de tecidos estampados
- Muitos búzios
- Muitas moedas correntes
- Folhas de amora
- Folhas de carambola
- Folhas de cana
- Um frango
- Um *obi*
- Um *orógbó*
- Areia

Procedimento

– Leve as comidas ao *Ilé Ikú*. Passa-se o frango na pessoa e esta, com 9 *ataare* na boca pede tudo de bom aos seus antepassados, soltando seu hálito sobre a cabeça da ave. Feito isso, corta-se o frango para os ancestrais.

Reza de Egúngún

Ilẹ̀ mo pẹ̀ ọ
Agó kii ngbó ẹkún ọmọ rẹ
Kí o ma ta etí wéré,
Baba awa ọmọ rẹ ni a npè ọ.
Kí o sáré wá jẹ wa o,
Kí o gbó iwùre wá,
Má jẹ a ríkú èwe,
Má jẹ a ríjà Èsù,
Má jẹ a ríjà Ògún,
Má jẹ a ríjà omi,

*Má jẹ a ríjà Şoponna,
Bí o bá tún di àmòdún,
Kí a tún pé jọ, pẹlú àláfíà àti ayọ.*

Ó terra, eu vos chamo!
Agó, ao ouvir o choro dos filhotes,
responde rapidamente.
Ó pai, somos teus filhos e te chamamos.
Vem logo nos ouvir.
Ouve nossas rezas.
Livra-nos da mortalidade infantil.
Proteja-nos da ira de Exu.
Proteja-nos da ira de Ogum.
Proteja-nos da ira das águas
Proteja-nos da ira de Xapanã.
Que ao chegar o próximo ano
estejamos reunidos, com saúde e felicidade.

Ebó de Èşù

- Uma galinha-d'angola
- Um pombo
- Um *obi* (dividido em duzentas partes)
- 6 acaçás vermelhos (*èkọ*)
- Azeite-de-dendê
- Muito *otí olóòje* (gim seco)
- Um mil e duzentos cruzeiros (em moeda corrente)

Invocação de Èşù

*Èşù òta òrìşà.
Ọşétùrá ni orukọ bàbá mọ ọ.
Alágogo ijà ni orúkọ iyá ñpè é,
Èşù ọdàrà, ọmọkùnrin idólófin,
O lé şónşó sí orí ẹşẹ ẹlẹşẹ,
Kò jẹ, kò jẹ kí ẹnì nje gbé mí,
A kii lówó láì mú ti ẹşù kúrò,*

A kii láyò láí mú ti èsù kúrò,
Aṣòntún ṣe òsì làí ní ítijú,
Èsù àpáta sòmọ olómo lenu,
O fi okúta dípò iyò.
Lòṣẹmọ òrun, a nla kálù,
Páápa-wàrá, a tũká máse ṣà,
Èsù máse mí, ọmọ elòmíràn ni o ṣe.

Èsù láálú,
Okiri òkò
Èbità ọkùnrin,
A bá ni wóràn,
Bí à ò rí dá,
Ọlọpa elédùnmare laelae.
O sán sọkòtò pénpé,
Oníbodè ọlọrun.
O sún nílẹ fọgọ ti kun.
Èsù ló jí.
Ọgọ kò jí.
Ebọra tí njẹ látọpa.
O bá ẹlẹkun sunkún,
Kẹrù ó ba ẹlẹkún,
Ẹlẹkún n súnkún,
Láaróyè n sun ẹjẹ.
O bá inímímí mí,
Kẹrù ó ba onímímí.
Onímímí n fimú mí,
Láaróyè n fi gbogbo ara mì bí àjére,
Èsù má ṣe mí, ọmọ elòmíràn ni o ṣe,
Nítórí eni èsù bá nṣe kì í mọ,
Bí o bá fi ohun, tirẹ sílẹ,
Ohun olóhun nii maa wá kiri.
Èsù ọdàrà,
Orí mí kó ní jẹ èmí rí ibínú rẹ.

Exu, o inimigo dos orixás.*

Ọṣètùrá é o nome pelo qual você é chamado por seu pai.

Alágogo Ijà é o nome pelo qual você é chamado por sua mãe.

Exu *Ọ́dara*, o homem forte de *Idólófin*.

Exu, que senta no pé dos outros.

Que não come e não permite a quem está comendo que engula o alimento.

Quem tem dinheiro, reserva para Exu a sua parte.

Quem tem felicidade, reserva para Exu a sua parte.

Exu, que joga nos dois times sem constrangimento.

Exu, que faz uma pessoa falar coisas que não deseja.

Exu, que usa pedra em vez de sal.

Exu, o indulgente filho de Deus, cuja grandeza se manifesta em toda a parte.

Exu, apressado, inesperado, que quebra em fragmentos que não poderá juntar novamente.

Exu, não me manipule. Manipule outra pessoa.

Exu *Láálú*,

Okiri òko,

Èbità Ọkùnrin,

* Nota do Editor: Como facilmente se deduz da *bibliografia* consultada, muitos dos *oríkì* aqui transcritos — no todo, ou em parte — foram extraídos do excelente texto de autoria de Síkirù Sálámí (*King*), *Cânticos dos Orixás na África* (São Paulo, Ed. Oduwa, 1991). Sentimo-nos, portanto, responsável pela revisão do texto em *Yorúbá* da presente obra, por não dever de transcrever a observação feita por Altair B. Oliveira (*T'Ógún*), a pertinente e esclarecedora, não implicando demérito para a obra citada. Observa *T'Ógún*: "Como pessoa também ligada ao culto aos *Orixás* militante, discordo da colocação do *oríkì*:"

Èsù Ọtá Ọrìṣà

(Exu, inimigo dos Orixás)

que, na verdade, deve grafar-se:

Èsù Ọtá Ọrìṣà

(Exu, o Oficial da Guarda dos Orixás).

Há grande diferença entre uma coisa e outra, sendo, por isso, muito importante, não somente o conhecimento do *Yorúbá*, mas também da interpretação do culto (principalmente de *Èsù*), sem o ranço da visão cristã, que o liga ao Diabo, o Anti-Cristo, o adversário dos Santos, como também da visão muçulmana, que o liga a Satã, com a mesma conotação".

Exu, que causa problemas ao homem quando o homem não tem problemas.

O inspetor de *Eledumare*, desde o princípio dos tempos.

Exu amarrou um pedaço de pano na cintura.

O porteiro de *Eledumare*.

Ele dorme em casa e tranca a porta com seu porrete.

E Exu acordou.

Seu porrete não acordou

O venerável que é chamado *Látopa*.

Ele, que chora com a vítima até o ponto da vítima se amedrontar.

A vítima está derramando lágrimas,

Láaróyè está derramando sangue.

Ele que respira junto com a vítima

até o ponto da vítima se amedrontar:

a vítima está respirando pelas narinas

Láaróyè está respirando pelo corpo inteiro,

como uma peneira.

Exu não me conduza ao mal, conduza ao mal meus inimigos.

Pois quem estiver sendo conduzido ao mal por

Exu, não sabe.

Quando ele deixa sua propriedade

vai atrás da propriedade dos outros.

Exu *Ôdàrà*,

Meu orí não vai permitir que eu experimente sua fúria.

Procedimento

— Para o sacrifício:

um galo	se for mulher
uma galinha-d'angola	as aves são
um pombo branco	fêmeas
um peixe de escamas	
(branco)	

- Para o assentamento de *Orí*:
 - uma terrina branca
 - uma quartinha branca
 - um *òkúta* branco
 - muitos búzios
 - muitas moedas (correntes)
 - ouro

— A pessoa se põe de pé em cima da *ení* (esteira). Junta bem os pés, mantém a coluna reta e faz três flexões verticais (chamando por *Orí*). Este ato facilita a liberação de líquido do cóccix, que fluirá na coluna vertebral, no sentido de baixo para cima, até o cérebro. Isto é que vai facilitar levar todos os ingredientes (mineral, vegetal e animal) ao centro da cabeça. Esta é a grande obra de magia.

Na terceira flexão, a pessoa não se ergue mais. Senta-se na esteira com a coluna reta, pernas esticadas e mãos espalmadas para cima, sobre os joelhos.

- O oficiante do ato, mais os presentes, gritam:

Bòrí ó o! (somente o oficiante)

Orí ó o! (respondido em coro, pelos presentes)

— Passa-se, então o acaçá: na nuca, testa, *Orí* (centro), pulsos e entre os dedos maiores dos pés. Obs.: se a mãe da pessoa for falecida, o acaçá tem que ser passado somente no pé direito; se for o pai, passa somente no pé esquerdo; caso sejam os dois falecidos, não passa em nenhum.

Neste ato, canta-se:

Bòrí ó o!

Mòṅṣà k'èjè

Bòrí ó o! Òriṣà

Bòrí ó o! Mòṅṣà k'èjè

bàbá!

Bòrí ó o! Òriṣà

Bòrí ó o!

Orí ó o!

– Vai-se então oferecendo os pratos, convidando o *Orí* para aceitá-los. Enquanto isso, canta-se:

Ẹ̀nikọ̀n kọ̀n bọ̀rí ó o!
Ki ó ló, bọ̀ şeré
Ki ó ló bọ̀ şeré
Ki o ló. . .

– No final deste ato, consulta-se *Ifá*, para saber se tudo está correndo bem. E, aqui, faz-se necessário abrir um parênteses para uma descrição sucinta do jogo com 8 búzios utilizado exclusivamente no ato ritual de *Ẹ̀bọ̀rí* (para maiores detalhes, consultar *Orúnmila & Ẹ̀şù*, do mesmo autor).

As caídas são as seguintes:

- 1) *Odù Ogbè Ikú* (todos os búzios fechados)
 - Responde *Oya*.
 - Significa que falta tratar de *Bàbá Ẹ̀gún*.
- 2) *Odù Ogbè Ọ̀kọ̀nrọ̀n* (1 búzio aberto/7 fechados)
 - Responde *Ẹ̀şù*.
 - Significa que algo no ritual está saindo errado. Pode ser com a pessoa que está recebendo a obrigação, com o *Bàbálóòrìsà*, com algum dos participantes ou, até mesmo, com algum erro na distribuição dos ingredientes.
- 3) *Odù Ogbè Jọkọ* (2 búzios abertos/6 fechados)
 - Responde *Ọ̀rìşàálá*.
 - Significa que falta alguma oferenda para *Ọ̀rìşàálá*.
- 4) *Odù Ẹ̀tàwa* (3 búzios abertos/5 fechados)
 - Respondem *Ọ̀gún* e *Ọ̀dẹ*.
 - Significa que há algum engano. Verificar se não está faltando algo.
- 5) *Odù Ọ̀bàrìşé Jọkọ Méjì* (4 búzios abertos/4 fechados)
 - Responde *Şọ̀ngó*.
 - Significa confirmação de tudo estar em perfeita ordem.

- 6) *Odù Adàṣẹ̀ Lodò Ajikùn* (5 búzios abertos/3 fechados)
 – Responde *Ọ̀ṣún*.
 – Significa que falta alguma oferenda para *Ọ̀ṣun*.
- 7) *Odù Adàṣẹ̀ Lòkun* (6 búzios abertos/2 fechados)
 – Responde *Yemọ̀nja*.
 – Significa que falta alguma oferenda para *Yemọ̀nja*.
- 8) *Odù Ogbè Obìto* (7 búzios abertos/1 fechado)
 – Respondem *Ọ̀bàlúwáiyé/Nàná*.
 – Significa que falta alguma oferenda para *Ọ̀bàlúwáiyé* e *Nàná*.
- 9) *Odù Àláfíà* (todos os búzios abertos).
 – Responde *Ọ̀rúnmilà*.
 – Significa que a obrigação está correndo (ou correu) muito bem.

– Continuando: tiram-se os *ẹ̀ṣẹ̀* do peixe, que são colocados dentro da terrina, juntamente com o *òkúta*, búzios, moedas e 4 acaçá.

Bòrí ó o!
Orí ó o!
Orí ki a fie jeja
Bòrí ó o!
Orí ki a fí ẹ jeja
Orí ki a fi ẹ jeja
Bòrí ó o!
Orí ki a fí ẹ jeja
Àṣẹ ti Erinlẹ
Àṣẹ ti Erinlẹ
Ọ̀rò mi jeja.

– Após retirar os *ẹ̀ṣẹ̀* do peixe, levá-lo ao forno, assá-lo e devolvê-lo à mesa de *Orí*, antes do final do ato. (Obs.: o peixe é embrulhado em folhas de bananeira.)

Bòrí ó o!
Orí ó o!

— Abre-se um *obi* e pergunta-se a *Orí* se está aceitando as oferendas. Obtendo resposta positiva, retira-se um pedaço e dá-se para a pessoa mastigar. O mesmo é feito para todos os presentes. O restante vai dentro da terrina. O oficiante recolhe das pessoas os pedaços mastigados, junta-os ao seu e, com um pouco de todas as comidas, vai amassando até formar um bolo. Dá-se para a pessoa comer três bocados. O restante é manipulado em forma de cone com orifício. É posto assim no *Orí* da pessoa. Canta-se no momento:

Orí ki ó jẹun
Bqrí ó o!
Orí ki a jẹun
Àşẹ ti Erinlẹ
Àşẹ ti Erinlẹ
Òrò mi jẹẹja

— Sacrificam-se, diretamente no *Orí*, os animais determinados.

— Com a pele da *conquém* cobre-se o *Orí*, com tudo que estiver sobre ele, e se o amarra com palhada-costa. Enquanto isso, canta-se:

Ó iròrẹ
Òrò orò ki dààbò orò
Òrò orò ki dààbò orò
Ògún ki dààbò orò. . .

E assim vai completando o *şiré* até *Òrişáálá*.

— A pessoa descansa até o dia seguinte, quando as pessoas voltam para saudar *Orí* e comer tudo o que quiserem. O que sobrar é despachado onde *Ifá* determinar.

(Obs.: Entre as oferendas para *Orí* não podem faltar flores e frutas.)

Anualmente, todos os iniciados do Candomblé, obrigatoriamente, tomam *Ẹbqrí*, por ocasião da festa do

Oriṣà patrono do *ẹgbẹ-àiyé*. Este ato, porém, pode ser bastante simplificado, constando de um *obi*, um *oróg-bó*, frutas, um *égbo* (canjica branca), enfim, tudo que é oferecido ao *Ori* é considerado um *Ẹbọri*.

ORÒ DE SACRIFÍCIO PARA O ÌGBÍN DE ÒRÌṢÀÁLÁ

— Antes de qualquer ritual, faz-se *ijúbà Iyà mi Oṣòròhǵá*:

*Ìbà akódà to da tiẹ lorí ewé.
Ìbà aṣẹdà ti tiẹ nilé pé-ń pé
Ìbá iyá mi òṣòròhǵá
Apani máàhá gun
Àwọn ni olóko kí òru àtòrì jápa! Atẹdò jọkàn
Atiidí jóròrò ẹyẹ àké gánòn ròn
Agbo gégé, lorí irokò máàyé
A hóró ilé sé irọ ẹyẹ a payẹ
Èlésẹ irọ ẹyẹ a bí dé lenun wakọ wakọ
Àwọn ní ígún ti gún ọmọ ẹja nínu omi
Àwọn ni òyàyà gùn ti gùn ọmọ akọn lódò
Èmi mo pè orúkọ ẹyin ẹ máà pa mi ẹ máà
Àwọn ọmọ o mi. Mo júbà ọkùnrin mo jú bà
obìnrin
Ìbà lẹwọ ògùnsò lé gèè ti o sorí lódò ti kió
Ìbà lẹwọ ilú gbéeédú ti ó sidi ilé
Ti ó kò wámi lójú burú
Mo júbà odundun tí ì dùn bí i Ègún.*

— Reza-se, então, o *afò*:

Òrìṣà Oko
Òrìṣà mi.
Èmi kòmo
Èlómíròn.
Àfi Òrìṣànlá.
Bàbá mi mo pè ẹ!
Mo pè Ẹ ẹrò ilẹ!
Mo pè Ẹ ẹrò ilẹ!
Ki ilé ayé ó ní lẹgbára.
Ki ilé ayé ni dára tútù.
Ki ilé ayé ní dára ó sùn ọwọ,
Bàbá mi bàbá Òrìṣà.
Wọn gbogbo ni mo pè!
Mò pè ẹrò ilẹ ki a
Máà bẹ abẹ ni bẹrí
Olú àtéléşẹ.
A gbénọ̀n dídùn là.
Ki orógbó dídùn là.
Ki obì dídùn mi.
A gbè bàbá mi Òrìṣà.
Mo pè Ẹ! Ki Ẹ wá,
Báàwa tú ilé ayé.
Wá şé ki ilé ayé
Wà lẹ dára oko mi Òrìṣà.
Òrìṣànlá şé yo, mo pè.
Ki ó wà şé rere
Fún mí,
Fún iwà mí.
Àşẹ, àşẹ, àşẹ!

Orixá Oko
Meu Orixá.
Eu não sou filho
De outro,
Exceto de Orixalá.
Meu pai, eu vos chamo!
Eu vos chamo para propiciar a terra!

Eu vos chamo para propiciar a terra!
Que o mundo tenha terra forte.
Que o mundo seja bom e agradável.
Que o mundo seja bom durante o sono das
 pessoas,
Meu pai, pai Orixá.
A todos eu chamo!
Chamo para propiciar a terra, que nós
jamaís morramos executados sob ela (a terra)
Senhor da sola dos pés.
Guie-nos às benesses da riqueza.
Que o orobô seja o prazer da riqueza.
Que o obí seja o prazer da riqueza.
Abençoe-nos meu pai Orixá.
Eu vos chamo! Que venhais vós,
Conosco para semear o mundo.
Venha fazer com que todo mundo
Esteja sabendo como fazer prósperas
 as fazendas, meu Orixá.
Que o Grande Orixá faça brotar e crescer,
 eu peço.
Que Ele torne tudo bom
Para mim,
Para minha existência.
Assim seja, assim seja, assim seja!

— Neste momento, sacrifica-se o *ìgbín*.

*Èrò, èrò,
Èrò ní tí ìgbín,
Èrò gbè sè tí ìgbín
Ki araayé (Orúkọ ènìòn)
Omọ (orúkọ iyà ènìòn)
Ki ó tútù ní ó o!
Tútù mi, tútù lalaalé
Olóomi tútù, tútù lalaalé
Óun tútù, tútù lalaalé.
Ki yí kínkín araayé (Orúkọ ènìòn) máà òhuń*

Tútù, tútù bí l'abà!
Ki araalé kínkín yií
Araayé (Orúkọ èniòn) máà òhùn
Tútù, tútù ní ti tẹ̀tẹ̀
Máà tẹ̀ lorí ilé ara mi
Gbètẹ̀, gbètẹ̀ ni wọn araalé ẹ̀rọ̀ igbín
Igbín ki ilé ayé re
Ki ó dára, ki ilé ayé rẹ̀ sunwọn
Ẹ̀rọ̀ gbètẹ̀ gbètẹ̀ tí tí igbín
Aṣẹ, àṣẹ, aṣẹ!

Propiciação, propiciação,
Propiciação é que o caracol
Propiciação e proteção seja o caracol
Para . . . (nome da pessoa)
Filho de . . . (nome da mãe da pessoa)
Que ele tenha o frescor (calma)
Frescor (calma) para mim, como frescor do
anoitecer.
Senhor da água fresca, fresca como o anoitecer
Dê-lhe a calma, como o frescor do anoitecer.
Que este habitante do mundo (nome da pessoa)
não sofra castigos
Faça-o calmo, como fresca e calma é a cabana
do agricultor
Que as pessoas que habitam esta casa
O habitante do mundo (vidente) (nome da
pessoa) não sofra penalidades.
Dê-lhe a calma, calma e tranquilidade em sua
caminhada.
Afasto a vergonha e a desonra de sobre minha
casa e minha família.
Espalhe, espalhe em todos os familiares a
propiciação do caracol.
O caracol que tem boa casa no mundo
(mora bem)
Que para . . . também seja boa, que sua estada
no mundo seja boa (enquanto viver).

Propiciação espargida, espargida do caracol
Assim seja, assim seja, assim seja!

– O *ikarahun* (casca do *igbín*) não vai ao fogo, pois pertence a *Obàlúwàiyé*. Quebre-o, faça um buraco no chão e enterre-o, juntamente com um pouco de *gú-gúrú* (pipoca).

– Com a carne do *igbín* faz-se o seguinte:

Tome de uma cebola (ralada), uma colher de *ori*, uma colher de fubá branco, uma xícara de leite. Faça um molho branco e cozinhe o *igbín*. Deixe esfriar e ofereça à *Orisàálá*.

– Horário de sacrifício: entre 4:30 e 6 horas.

– Festa: entre 16:30 e 18 horas. Da mesma forma, não se pinta *iyawó* com *ẹfun* à noite.

– Os filhos de *Orisàálá* vestem branco às sextas-feiras. Tomam banho de água ou *ẹgbo* ou passam *ẹfun* no corpo. Não comem carne vermelha e nem ingerem bebida alcóolica.



EBÓS DE ODÙ E EFÓ

Para Abrir Caminhos

— Imprimir na terra, ao sair de casa, as marcas do *Odù Íká Méjì*.



— As marcas são feitas com o dedo auricular (dedo situado entre o indicador e o anular), que representa o dedo de *Ifá*.

— Faz-e então o encanto:

Ẹfúùfù lẹlẹ loni kii wọn.
Fi ó ni funfun fún mi
Ọpẹ ọpẹ èjìká, ti k'ó jẹ ki ọrun.
Óbọ ki Íká Méjì óká gbogbo.

Ibi kúrò lóònòn mi.

Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.

- Apagar as marcas com o pé esquerdo.
- Este *ẹbọ* é feito nos dias de segunda, quinta e sábado.

Para Desmanchar Feitiços

- Pega-se um pouco de cinza, bem fininha, e espalha-se em cima de uma folha de papel.
- Imprima as marcas do *Odù Ọ̀wọ̀nrín Méjì* em cima da cinza.



- Com 9 *ataare* na boca, reza-se:

*Ọjọ ti aṣọ funfun
bá fí ojú kọn
arọ ni iṣẹ rẹ Ọn*

*Ọjọ ti aṣọ funfun
bá fi ojú kọn, osun.*

Mi iṣẹ rẹ bàjẹ

*Ọjọ ti ìgbín
ba rí ẹnun kọn iyọ*

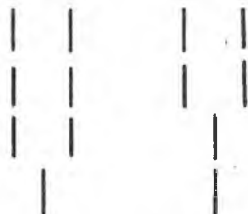
*Ní re ọrun a pè rín
njẹ ẹni kẹni
ti ó bá ñpè.*

*Òrí mí (nome. . .)
ní ìgbín, kí ìsé ó
máà bàjé lójú wọn
Àṣe, àṣe, àṣe.*

— Soprar a cinza em uma encruzilhada de três pontas. Tomar cuidado para que a cinza não caia em você.

Para se Livrar de Bruxaria

— Em cima de *Íyèrèosun* faz-se as marcas do *Odù Òkònròn-Òwónrín*:



— Em seguida, reza-se:

*Ki ire dé là pè olúgbón
Ki ire dé là pè olúgbón
ó dabi sin a ni orúkọ a ñpè
ajàṅṅon èkún.*

*A yin ní iyò ni a ñpè
lòdòdò-doo ẹnun ẹnì*

*A dùn ní iyò ni
orúkọ a pè òrò t'ó
efinrín rín ti òròorò
ni orúkọ a pè ààbò
wá jé.*

*E fi ni ti òrò orò orúkọ
a pè yin, odò rò*

*ti òrò sí mí
Lòru kí a pè bù dá
a jí ìdirùdirù níṣé
Òbàrà òlá. Òbàrà òlá
Kí ṣé oògùn ojú àjẹ ló pọ̀n mí.
Ní mo òpè ó Ifá Ẹ fi
ní òrò orò Ẹ fí ní
òrò orò, òrò orò, òrò orò
fi ní yíí.
Ají ìdirùdirù di re.*

*Àjẹ fún mí wá
dí àjẹ fún mí wá ó
Ají ìdirùdirù tí àjẹ fun
mí wá, àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ, kí èmi (nome. . .)
omọ (nome da mãe).*

— Observe a direção do vento e sopra o pó de modo a não deixá-lo tocar mais em você.

Para se Livrar de Feitiço

Material

- Ẹfun
- Sabão-da-costa
- Bucha vegetal

Procedimento

— Imprimir no chão as marcas do *Odù Èjì-Ogbè* (use o dedo médio):



— Rezar o *Ọfọ*:

Èjì-ogbè b̀òrí ogbè

Èjì-ogbè b̀òrí ogbè

Èjì-ogbè b̀òrí ogbè

Bí Ọyẹ̀ tí n'̀b̀òrí ọ̀kọ̀n kọ̀n

(nome) b̀òrí àwọ̀n ọ̀tá

(nome) wa ẹ̀ pè d'̀ànùn a wèrè pé-ń-pé jẹ́ ó

(nome) wa ẹ̀ pè d̀ànùn a wèrè pé-ń-pé jẹ́ ó

Èjì-ogbè b̀òrí ogbè sí àwá rẹ̀ ní pé-ń-pé jẹ́ ó!

— Misturar o *ẹfun* com o sabão-da-costa. Fazer uma pasta, aplicar na bucha e tomar banho segunda, quinta e sábado.

Observação: após cada banho jogar a bucha na rua ou rio.

Para Chamar Clientes

Material

- 1 cabaça com tampa
- 1 *ìgbín* — mel — vinho
- *ìyèrẹ̀osun*
- folha-da-costa e *m̀onrìwò*
- pano verde

Procedimento

— Em cima de um papel ponha as folhas, e sobre estas o *ìyèrẹ̀osun*. Imprimir a marca do *Odù Ọ̀gúndá-Mě̀jì* (não rezar *ọ̀fọ̀*):



— Fazer invocações de Ogum e sacrificar o *igbín* (caracol).

— Dentro da cabaça (para *Ògún Ìkọ̀là*) regue com um pouco de mel, tampe a cabaça e embrulhe-a com o pano. Sirva o vinho. Depois de quatro dias distribuir as folhas e o pó de *iyèrèòsun* em feira, mercado, lojas comerciais e bancos. Enquanto faz o *ofò*:

Ewé odundun l'ó ni
Kí ẹ mà dì ọ̀wọ̀ ñlà ñlà wá fún
(nome) Ẹrù l'oni
Kí ẹ mà rù ọ̀wọ̀ ñlà ñlà wá fún
(nome) lóodi òdi, lóodi òdi

Ní olú igbó híí igbín ti oore
fún ẹ̀rò ọ̀nọ̀n
bi òru, bi òru
ni ñsẹ aláşq dúdú.

— Voltar para casa e pendurar a cabaça em cima do batente da porta principal.

Observação: separar um pouco do pó, misturar com sabão-da-costa para tomar banho. É excelente.

Para Despachar Espírito Trevoso (Ikú)

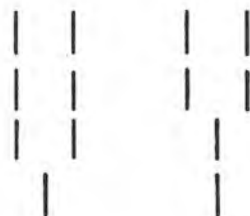
Material

- Folha de bananeira
- folha de *mọ̀nrìwò*
- folha de *pèrègún*
- folha de mangueira
- casca de manga
- *ẹfun*

Procedimento

— Cozinhar tudo e deixar esfriar. Coar e separar o líquido.

— Imprimir as marcas dos *Odù Òkònròn-Òwónrín*:

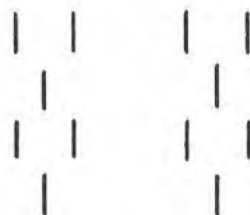


— Rezar o seguinte *ofò*:

Òkònròn òwónrín
Alágbára bí agìnyòn
Ó k'ó ní inu odù
Ìṣègùn Egúngún.
Èrò, èrò, èrò
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ

— Pôr o *efun* (pó) dentro da água (infusão) e tomar banho. Defumar-se com qualquer defumador e vestir roupas claras.

— Tomar um chá forte de casca de manga e erva-cidreira. Imprimir no *efun* as marcas do *Òfún-Méjì*.



— Repetir o *ofò* — só que em vez de dizer:

Òkònròn òwónrín

diz-se:

Òfún Méjì . (Repete-se o restante)

— Utilizar o pó para passar em todo o corpo.

Observação: abster-se de carne vermelha, peixe de pele e sexo por nove dias.

– Após os nove dias oferecer *obi* a *Èṣù*. Carne de cabra com quiabos para *Ọyá*.

Para Ganhar Causa na Justiça

Material

- *Èfun*
- *Iyèrèosun*
- areia do mar
- 1 cabaça pequena
- 1 pombo
- 16 búzios (abertos)

Procedimento

– Abrir uma tampinha na cabaça, de forma que dê para fechá-la depois.

– Misturar o *efun*, *osun* e a areia. E imprimir o código do *Odù Èjì-Ogbè*:

Rezar o seguinte *ọfọ*:



Èfun ọmọ ọlórùn
Osun ọmọ eḷẹdá
Iyepè ọmọ Olódùmarè
Olòòkun nǹí eǹjọ àgbà
Ọbàtálá nǹíja agbà
eǹjọ bá wọn nibẹ

Ó ni ẹ kú idá rò
Ó ní kí a fí Olóòkun jẹ ọba omi.
Kí a fí Ọbátálá jẹ ọba òrìṣà.

Kí a fí ọ̀nọ̀n j'ọba ọ̀pópó.
Ọgọ ní ẹjọ àgbà
Wọ̀n ní kí a ló sí ìràwọ̀
Látì mu wọ̀n dé púpọ̀ olúwa ọ̀ru
Àwọ̀n wáàdí méjì lọ mọ ọ̀ṣòṣòh lórun

Ẹ gbà rí ẹjọ, ẹ gbá jẹ bi
Wọ̀n kò jẹ ara sí idí, ẹ gbà
Ọ̀rò mi (nome) Ọ̀mọ (nome da mãe)
Àtì hólọ sọ lóni
Ọ̀rò ẹnu rẹ ni kí wọ̀n fi-dé-*nóni*.
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ

— Colocar o pó dentro da cabeça, enfeitá-la com os búzios e sacrificar o pombo em cirina. Fechá-la em seguida.

— Para usá-la, reze o encanto com 8 *ataare* na boca, e apresente-a para o *orí* (cabeça).

Para Acalmar Èṣú

Material

- 1 *etù* (galinha-d'angola)
- 1 *igbín*
- azeite-de-dendê
- Gim (seco)

Procedimento

— Evocar Èṣú, derramando gim em cima de seu assentamento. Sacrificar a *etù*. Regar com um pouco de azeite-de-dendê.

— Abrir o peito da *etù* e pôr um pouco de gim e algumas gotas de dendê. Sacrificar o *igbín* dentro da *etù*.

– Despachar o *ẹbọ* em encruzilhada de três pontas (*ikóríta*). Fazer o seguinte encanto:

Èmi ba Èşù kíí, sọ rẹ a re owó
Èşù mo bá ó sọ rẹ
máşé m i, jé kí èmi nire, aya,
èmi bá Èşù sọ rẹ kíí a re ọmọ
Èşù mo bí ó sọ rẹ
máşé m i, jé kí èmi nire ọmọ.
Aşẹ, àşẹ, àşẹ.

Banho para Limpeza de Caminho

Material

- *orógbó* ralado
- 7 pimentas-da-costa (socadas)
- sabão-da-costa
- *iyẹrẹosun*
- 7 gotas de azeite-de-dendê
- Um pedacinho de cabaça (ralada)

Procedimento

- Misturar tudo, enquanto faz o encanto:

Ki a lọ dára
Ki ààbò sunwọn
Omi kíí dé s'oko íwájú
Tóní ayè ayun-bò lọwọ nyin ẹnun
Orógbó jẹ kí ñgbè si rere
Ọşẹ jẹ kí ñgbè si rere.
Iyẹrẹosun jé kí ñgbè si sere
Epo pupa jẹ kí ñgbè si rere
Aşẹ, àşẹ, àşẹ, ó lọwọ ẹnyin
àgbà àgbà. Aşẹ, àşẹ, àşẹ.

Observação: guardar o sabão, com sete *ikóodíde*, circundando-o, enquanto diz:

Odídeṛẹ kò láé kú àjò rẹ

Didẹṛẹ nunca morra em seu percurso (viagem).

— Tomar banho com o sabão toda segunda, quinta e sábado, ou enquanto for fazer alguma viagem.

Para Tirar Vantagem

Material

- fio de coral preto
- fio de coral vermelho
- fio de coral branco
- *ẹfun* e *osun*
- sabão-da-costa
- *iyẹṛẹ̀osun*
- linha preta e branca
- *ikóodíde*
- 1 cabaça
- 1 agulha grande

Procedimento

— Abrir uma tampa na cabaça. Colocar dentro o *osun*. Misturar o *iyẹṛẹ̀osun* com *ẹfun* e o sabão-da-costa e pôr no centro da cuia.

— Enrolar as linhas na ponta do *ikóodíde*, e fincá-lo no sabão.

— Enfeitar a cabaça com os fios de corais.

— Fincar na cabaça (por fora) a agulha.

— Fazer o encantamento:

Ẹfun ló ni kí Ẹ fí mi rere fún mi

Osun lóni kí Ẹ fí ó ní rere fún mi bò

Òwú dúdú àti funfun

Ki ijà ara wọn èniòn

Ẹ másé jà èmi (nome) Ọmọ (nome da mãe)

bá lẹwọ nyin

*àkó jé ewé mí rere, ẹ jé kí ó jé.
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.*

- Depois do encantamento tampe a cabaça.
- Toda vez que precisar tirar vantagem em qualquer situação, é só comprar linhas pretas e brancas. Pegar as pontas e passá-las no fundo da agulha. Pôr os carretéis dentro da cabaça e ir puxando os fios até o fim, enquanto faz o encanto.

Observação: os fios devem acompanhar o indivíduo onde ele for tirar vantagem, e devem ser jogados na rua antes de voltar para casa.

Banho para se Proteger de Inimigos

Material

- raspa de batente de porta de boteco
- um pedaço de pano branco
- bucha vegetal e sabão-da-costa

Procedimento

- Queimar a raspa do batente da porta, a bucha, o pano branco, até virar cinza.
- Misturar esta cinza ao sabão, enquanto vai-se fazendo o encanto:

*Ilèkùn ọ̀nọ̀n ni rẹ̀hìn gbálẹ̀
Èrù ní gbéẹ̀hin ọ̀nọ̀n àjò
Ó kí ó jé ní ẹ̀hìn àgíyámon
Jé kí gbogbo ẹ̀nití o wà sorí nibi
Wọ̀n ní ló jìnnọ̀n gbogbo wọ̀n
Èní-Ogbè, ní bàbá Ifá
Kí wọ̀n má gbé lé mi
Àṣẹ, àṣẹ, àṣẹ.*

- Utilizar o sabão para banhar-se. É um excelente *agbó* de retorno para os maldosos.

Para o Amor

Material

- 5 folhas de *tètè* (breedo-sem-espinho)
- 5 borboletas amarelas
- 5 *ataare*

Procedimento

- Torra-se tudo e faz-se um pó. Junte a este um pouco de *osun*.
- Passe nos seios, nuca e reze o encanto:

Tètè é e!
Ibi ti àbá ni ki tètè o mátè
Ibè níi tẹ
Àtẹ gbè ni ẹsẹ itẹ nã
Tètè kíi tẹ lá àwo ẹfọ
Èmi (dizer o nome) Omọ (nome da mãe)
Kò tiní, fẹ ní owó
Àwon ti fẹ̀ẹ̀ròn mi
Tètè kíi tẹ là àwo ẹfọ
Àsẹ, àsẹ, àsẹ.

Para Limpeza de Casa

Material

- 1/2 kg de carne (de segunda)
- cachaça
- 1 prato branco
- canjica
- 1 acaçá (*ẹkọ*)
- 1 vela
- sabão-da-costa
- *ori*
- mel ou açúcar

Procedimento

— Quebre as bordas do prato e coloque dentro deste a carne, com um pouco de cachaça.

— Com o prato na mão vá andando pela casa e fazendo saudação à *Egún*:

Ikú alè, ikú àjò (três vezes)

— Enquanto vai fazendo a limpeza, de dentro para fora, canta-se:

Egún, Egún mi salè lórun
Egún. . .

— Despache este *ẹbọ* no mato. Passe o acaçá em seu corpo, coloque ao lado do *ẹbọ* e acenda a vela.

— Ao voltar para casa tomar banho da seguinte maneira:

Com a canjica já cozida, escorra-a de forma a aproveitar sua água. Acrescente nesta água um pouco de mel.

Tomar um banho com sabão-da-costa. Após este, despejar a água de canjica da cabeça aos pés e, sem enxugar-se, vestir roupas brancas.

Passar *ori* nos pulsos e no umbigo.

— Joga-se a canjica em cima da casa, enquanto vai-se pedindo paz.

OUTROS EBÓS

Para Tirar Dinheiro dos Devedores

- Vá até um pé de pimenteira e diga:

Ewé ẹsẹ mi kálú (por três vezes)

- Tire sete folhas e esfregue-as na sola dos pés. Após isto feito, vá direto à casa do devedor.

Observação: depois de receber o dinheiro ou fazer algum acordo, é importante que lave os pés, antes de voltar para casa.

Para Dinheiro Ficar na Mão

Material

- nove aranhas (ou uma)
- nove *ataare* (ou uma)
- o importante é que seja igual para os dois pulsos

Procedimento

- Torram-se as aranhas, os *ataare* e faz-se um pó.
- Abrem-se curas nos pulsos, conforme o número de aranhas e de *ataare*.
- Aplica-se o pó sobre as curas.

Para Trazer Clientes

Material

- canjica (*ègbo*)
- arroz
- chuchu
- 1 frango
- cana-de-açúcar

Procedimento

- Cozinhar a canjica, o arroz e o chuchu, sem sal.
- Em uma tijela coloque a canjica. Numa outra travessa coloque o arroz de um lado e do outro o chuchu, dividido em seis partes. Põem-se os *òtá* (pedras) do assentamento de *Òşun* no centro da travessa.
- O frango é sacrificado para *Lògún-Èdè*, em cima dos *òtá*, que ficam com a cabeça e três penas de cada asa.
- Os pés são atirados na rua.
- A cana-de-açúcar deve ser picada sobre as oferendas e sobre o assentamento de *Òşun*.
- O restante do frango é temperado com azeite-de-dendê, cebola ralada, *ataare* e após cozido é oferecido a *Èşù*, acompanhado de gim.
- *Lògún Èdè* é considerado o mensageiro de *Òşun* e *Eşù* é considerado aquele que a persegue.
- *Obi* faz parte de todo o ritual.

Para Impotência Sexual

- Comer um *obi* vermelho por dia. Fazer um chá com as seguintes ervas:
 - pau-de-resposta
 - pau-tenente
 - catuaba
- Tomar o chá três vezes ao dia, até resolver o problema.

Obs.: Não nos esqueçamos, todavia, que os melhores afrodisíacos são o amor, a paixão e o equilíbrio emocional.

Para Arrumar Emprego

Material

- um coco
- 18 *ataare*
- 1 kg de açúcar
- 1 bucha
- sabão-da-costa
- *ori e iyèrèosun*

Procedimento

— Este *ebô* é feito ao ar livre. O oficiante põe a pessoa em pé, com a coluna bem reta, olhos fechados e oferece a esta 9 *ataare* para mastigar, para que o seu hálito fique purificado. Entrega-lhe o coco para que vá fazendo seus pedidos, enquanto libera o hálito quente sobre o coco.

O oficiante pega o coco de volta e, também, com 9 *ataare* na boca, começa a liberar o seu hálito no espaço. Enquanto vai fazendo o sacudimento, passa-se o coco em torno da cabeça, tórax e coluna da pessoa, pedindo tudo de bom.

— O oficiante ajoelha-se e mentaliza uma coroa de luz na cabeça da pessoa. Quando esta aparecer nitidamente, com o coco bem firme nas mãos, solta o *àşę* de seu hálito e quebra o coco contra uma pedra. O resultado pode ser observado na hora: quando o coco se parte em dois é sinal de que o *ębọ* foi bem aceito.

— Faça uma pasta com sabão-da-costa e *iyẹrẹosun*, e ponha na bucha. Dê para a pessoa tomar banho, começando pela cabeça. Após o banho, passe *ori* na nuca, cabeça, tórax e nos pulsos.

Observação: com o coco fazem-se cocadas e dá-se a outras pessoas para comerem.

Para Prender o seu Homem

Material

- um alguidar médio
- um coração de boi
- um inhame grande (cozido e com o nome do casal dentro)
- azeite-de-dendê
- taliscas de dendezeiro

Procedimento

— Corte o coração, na vertical, em quatro partes e coloque-o dentro do alguidar.

— Crave no inhame 42 palitos (taliscas) de dendezeiro e coloque-o no centro do alguidar.

— Regue tudo com mel e ofereça à *Ọgún Íkọlà*. Acompanhado com muito vinho branco e 7 *obi*.

Observação: os nomes são escritos com grafite (lápiz).

Para Pedir Dinheiro a Èşú

Material

- 6 acaçá (*èkọ*) vermelhos
- azeite-de-dendê
- gim
- 6 *obi*

Procedimento

— Ofereça os acaçá (*èkọ*) com um pouco de azeite-de-dendê.

— Segurando firmemente o *ògọ* vá fazendo evocação e despejando gim sobre o assentamento de Èşú. Quando sentir a sua presença, passe um acaçá no *ògọ*, no sentido de baixo para cima, e peça-lhe dinheiro.

— Em seguida, abra os *obi* e divida-os em duzentas partes. Jogue-os sobre o assentamento de Èşú.

Para Èşú Trazer Dinheiro

Procedimento

— Antes de se deitar, passar 6 *obi* vermelhos no corpo e colocá-los sob o travesseiro.

— No dia seguinte, colocar 1 *ataare* na boca e oferecer os *obi* (dividi-los em seis partes) em cima de folhas de mamona a Èşú.

— Pegar seis notas de um cruzeiro real passar na cabeça e impregná-las com o *àşę* de seu hálito. Em seguida, amarre-as no *ògọ* de Èşú. Ao meio-dia jogá-las em uma encruzilhada de três pontas.

Para Chamar Cliente

— Oferecer 3 acaçás (*èkọ*) com mel, no assentamento de *Ògún*.

— Um acaçá (*ẹkọ*) com água e mel, no portão para *Egún*.

Observação: esta é uma das muitas junções que se faz da estrutura com o movimento, ou seja, da estabilidade com instabilidade que gera o movimento.

Para Continuar Tendo Cliente

— Ao tirar um *ẹbọ*, deixe um pouco deste enterrado no portão, do lado esquerdo de quem entra.

Para Ògún Abrir Caminho

Material

- 10 cocos verdes
- 10 espigas de milho verde
- 3 litros de vinho
- 7 *obi*
- 7 *orógbó*
- 1 inhame (assado)
- açúcar e sal

Procedimento

— Tirar os grãos do milho e cozinhá-los na água do coco. Temperá-los com açúcar e sal, deixando-os com sabor de lágrima.

— Fazer as evocações e oferecer para *Ògún*. Derramar parte do vinho em cima do assentamento, e em volta deste oferecer *obi* e *orógbó*.

— Fazer os pedidos e, em seguida, comer um pouco do milho.

— O inhame corte em quatro partes e ofereça à *Ògún*.

— Com os cocos preparar um doce e oferecer uma porção a todas as pessoas que vierem à casa de culto. Isto determina a comunicação do *Òrìsà* com o meio social.

— Três dias depois passar dois pombos brancos no corpo e soltá-los para *Ogún*.

Para Engravidar

Material

- 1 obì vermelho (ralado)
- erva-de-são-caetano
- chapéu-de-couro
- malva branca
- amor-do-campo
- espinheira-santa
- buchinha do mato

Procedimento

— Junte todos os ingredientes e coloque dentro de um litro de vinho branco. Enterre por uma semana em lugar úmido. Desenterre e tome um cálice, antes de dormir.

— Quando acabar o líquido, complete novamente com mais 1 litro de vinho, enterre-o e torne a tomá-lo.

— Ofereça uma bacia de frutas (menos abacaxi e tangerina) para *Ibéji*, em uma praça. Em volta da bacia coloque bastante doces (menos de chocolate) e um litro de leite. Faça as evocações e peça um filho para *Ibéji* e terá a alegria de ter *Èdjunjóbí*, ou seja, a satisfação de ter dois filhos de uma só vez.

Chá para Suspender Menstruação

— Fazer um chá de pétalas de rosa vermelha e tomar várias vezes ao dia.

Para se Defender de Feiticeiros

Procedimento

— Pegue 2 pratos brancos e quebre-os nas bordas. Faça com eles uma casinha em forma de triângulo. Coloque embaixo excremento de cavalo, com o nome do feiticeiro dentro. Regue tudo com cachaça. Põe-se uma bandeirinha dentro da garrafa e acende-se uma vela.

Para Afastar Pessoa Impertinente

Procedimento

— Pegue 7 galhos de amoreira. Quando a pessoa sair de sua casa varra o seu rastro e jogue os galhos na direção em que a pessoa seguiu.

-- Em seguida, ofereça um acaçá (*èkọ*) para *Egún* no portão de sua casa.

Pó Para Casa Comercial

Procedimento

- Pegue 1 *obi* que tenha sido oferecido a *Èṣù*.
- *Èfun*
- dandá-da-costa
- Noz moscada
- Folha-da-fortuna (seca)
- Rale tudo e faça um pó. Sobre dentro da casa comercial e peça prosperidade, vitória, etc.

Para Amarrar o Seu Amado

Procedimento

— Sacrificar 2 pombos brancos para *Ògún*. Arrancar os corações das aves e colocar os nomes do casal dentro, com eles ainda quentes.

— Colocá-los em uma panelinha de ferro. Pôr dois acaçá (*èkọ*) em cima e cobri-los com mel.

— Deixar arriado até o dia seguinte.

— Levar ao fogo para torrar e fazer um pó, misturando canela e *obi*.

— Fazer um patuá de couro preto, pôr o pó dentro deste e usá-lo sempre.

Par o Homem não Sair em Busca de Aventuras

Procedimento

— Pegar bifes e passar no corpo. Em seguida, temperá-los com sal, cebola e pimenta-da-costa, e oferecê-los para o marido comer.

— Dar um jeito de sobrar um pouco de comida no prato dele. Esta sobra deverá ser enterrada sob o batente da porta da cozinha.

Para Deixar de Beber

Procedimento

— Pegue 7 lambaris e coloque-os vivos dentro da cachaça. Tampe a garrafa e deixe-a dentro do rio por 3 dias.

— Quando for pegar a pinga levar uma oferenda para *Èsù*, que pode ser:

— 6 pedaços de carne crua

— 1 *obi*

— 1 litro de gim

— azeite-de-dendê

— Retire a garrafa da água, coe, separe os lambaris e ponha-os juntamente com a oferenda de *Èsù*.

— Leve a pinga para casa e deixe o alcoólatra bebê-la à vontade.

Para Deixar de Fumar

Procedimento

— Pegar o fumo de um cigarro e colocá-lo dentro de um copo de água mineral, à noite. No dia seguinte, em jejum, tomar três goles. Fazer isso por 9 dias.

Para Segurança de Um Ambiente

Material

- 1 vaso de barro médio
- 1 pedaço de ferro (bastante enferrujado)
- 1 galo vermelho
- 1 litro de vinho branco
- 1 inhame (assado)
- 1 *obi*

Procedimento

— Ponha o pedaço de ferro dentro do vaso e sacrifique o galo para *Ògún*.

— Ofereça o vinho, um pouco de azeite-de-dendê, o inhame e o *obi*.

— No dia seguinte, plante por cima de tudo um comigo-ninguém-pode.

— Cozinhe o frango de forma que a carne solte dos ossos, que deverão ser torrados e moídos. Acrescente ao pó:

- mirra
- benjoim
- alfazema
- incenso
- bagaço de cana-de-açúcar
- açúcar
- pão seco (fareio)
- borra de pó de café

Esta defumação deverá ser feita pelo menos uma vez por mês, no sentido de dentro para fora, e de fora para dentro, onde se apagará o fogo com água.

— A carne do frango pode ser consumida normalmente, por ser portadora de muito *àsè*.

Outros

— Para não faltar dinheiro, colocar 1 *ikóodíde* na carteira.

— Para alimentar o magnetismo pessoal, utilizar um búzio que tenha comido *èjè* (sangue) em obrigação de *Òsun*, como pingente (com a linha de crescimento para cima).

— Para descarregar tensões nervosas, usar 4 *idè* acima do cotovelo.

— Para diabetes, fazer chá com 7 folhas de carambola e tomar 1 xícara à noite, após o jantar, por 7 dias.

— Para acabar com vermes de adultos e crianças tomar 1 xícara de leite, com 1 *gota* de creolina e sumo de hortelã ou mastruz.

— Para dor de cabeça passar alho nas têmporas e nuca.

— Para criança dormir tranqüila, banhá-la com água e açúcar. Colocar um copo com água ao lado da cama e não deixá-la com roupas escuras. A água deve ser despachada no dia seguinte e recolocada todas as noites.